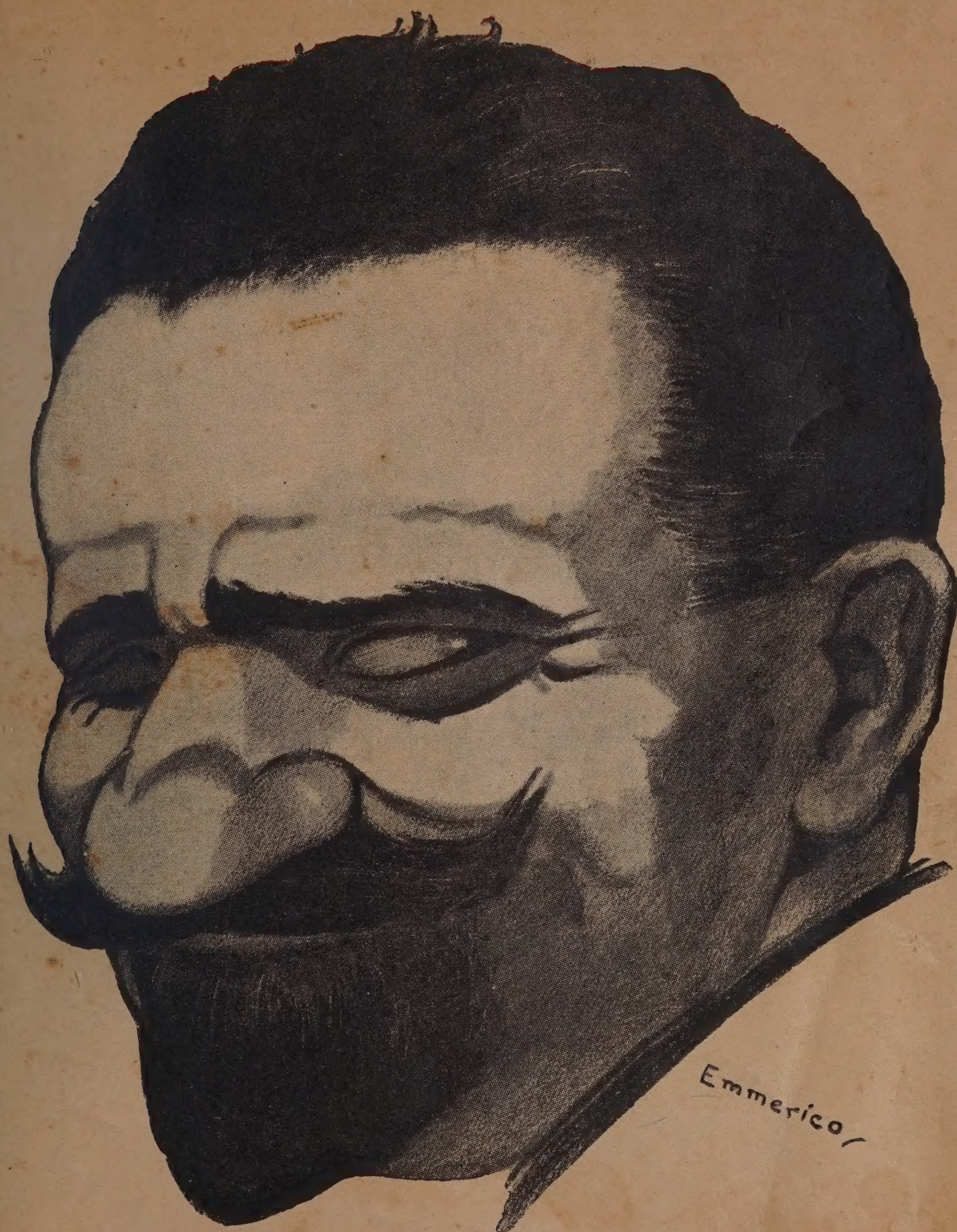
AFFONSEIDA

MEDEIROS


a 00002 864779

OCTAVIO DE MEDEIROS



AFFONSEIDA

POEMA HEROE-COMICO

AFFONSEIDA

OCTAVIO DE MEDEIROS

AFFONSEIDA

1.ª EDIÇÃO
(DO AUCTOR)

COMPOSTO E IMPRESSO
IMPRENSA LUCAS & C.ª
RUA DIARIO DE NOTICIAS, 59 A 61
LISBOA — 1925

Reu de crimes sem nome, será condenado para todo o sempre a trabalhos forçados nas galés da historia!

Dr. Antonio José d'Almeida

CANTO 1.º

Nováes Serra

CANTO PRIMEIRO

EU canto o novo heroe das novas éras
E commigo a Razão, sonóra, canta
O insuflador de ephémeras chiméras,
Genio do Mal que o Céu e a Terra espanta !
Canto a pátria gentil lançada ás féras,
Onde um pavôr os ânimos quebranta,
E os torpes filhos seus que a abandalharam
Depois que no poder se enthronizaram !

II

São horas de expandir á pátria inteira
Que é preciso correr co' os vendilhões
Que fazem do paiz uma esterqueira
D'onde o caracter sorve as infecções!
São horas de acabar co'a bandalheira
Fazendo quaesquer outras eleições,
Correndo d'uma vez co'estes sicários
Mais damninhos que os ratos nos armários!

III

Co'este brado infernal d'alma dolente,
Co'esta expansão satânica e tigrina,
Só terá que offender-se o delinquente
Que assalta, ou rouba, ou fére ou que assassina!
O bom, o justiceiro, o honesto, o crente,
Ao pendão da Verdade a fronte inclina;
De sorte que accusar-me de affrontoso
E' julgar-se a si próprio um criminoso!

IV

Ha muito que a Republica fizera
O seu hábil introito e no paiz
A' sombra d'ella, andava a phylloxera
Roendo-lhe os vinhedos p'la raiz,
Quando foi elevado á grada esphera
E feito embaixador posto em Paris
Aquelle excelso Affonso cujo genio
Faz com que eu, p'ra o cantar, suba ao prosc· nio!

V

Eis-me emfim defrontando o meu gigante,
Sentindo quanta audácia me é precisa
P'ra cantar-lhe a arrogancia extravasante
Com que enche o glôbo e a pátria escandalisa!
Por teu éstro, ó Camões, eu, n'este instante
Daria a pelle, os dentes, a camisa...
Porém não desanimo e mãos á obra!
Pois onde falta o engenho a audacia sóbra!

VI

Affonso! O nome heroico e sublimado
Das águias da conquista cujas gárras
Tomaram bravamente o sólo amado
Recurvando as moiriscas simitárras!
Teu nome, Affonso meu, será gloriado
Ao incrivel clangôr de mil fanfárras!
Façam todos barulho! E tu, Faustino,
Afina-me a rabeca e toca o hymno!

VII

O' heroe no tramar o póbre povo!
Exploração valente, ancia mortal!
Haja alguem que levante hoje de novo
O passado explendor de Portugal!
O' brumas da memória, não vos movo
P'ra os egrégios não ver n'este arraial!
A's armas sobre a terra e sobre o mar!
Contra o canálha-mór marchar, marchar!!

VIII

Lá longe, junto ás margens do Sequana,
N'essa Babel luzente e gigantesca,
Olhando com desdem p'ra a turba humana
Que perpassa a seus pés pobre e grotesca,
Reside o grande Affonso que se ufana
D'uma vida gostosa e principesca
Em que elle vae gastando as nossas fibras
Que o forjador inglez transforma em libras.

IX

Paris! Sonho dilecto e perturbante
Do pobre sem lampejos d'uma esp'rança,
Que é p'ra elle o que a estrella mais distante
E' p'ra o sabio que a busca e não na alcança!
Oh quantos curtem n'alma ancia constante
P'la capital que julgam só da França
Mas que influe sobre nós de tal maneira
Que a digo o coração da Terra inteira.

X

Emquanto elle se espoja lá por fóra
Bem longe das retrógradas Hespanhas,
Contando em toda a parte e a toda a hora
Sobre nós as mais criticas patranhas;
Emquanto essa alma gasta se evapóra
Em digressões exóticas, extranhas,
Desde os novos processos p'ra a chantage
A's libações ideaes de Paris-Plage;

XI

Emquanto em vários júbilos se expande
E nos grandes foyers se pavoneia,
Ou vae, por desfastio, até Ostende
Pintar o Bernardino sobre a areia
Com narinas de chibo, a barba grande
E uma expressão de martyr muito feia,
P'ra mostra-lo depois aos circunstantes
Como um gato maltez que tinha d'antes ;

XII

Emquanto vae á missa á Madeleine
Descendò do Berliet n'um grande apuro,
Ou vae passear ao bósque de Vincennes
Com seu flamant de fêltro azul escuro ;
Emquanto, p'ra que os ânimos serene,
Nos promette uns emprestimos sem juro,
Como esse tal dos dollars tão fallado
Em que elle, que é burlão, se viu burlado ;

XIII

Emquanto ell' lambe as pastas de foie gras
Nas mezas do «La Paix» co'a loira amante,
Ou vae jantar com o bispo de Blois
Franqueando a taça ao classico espumante ;
Emquanto joga o bluff e o baccará
Votando o dia ao vício repugnante
E á noite, com fervôr, réza ao demonio
P'ra que lhe queime os bofes do Sidonio ;

XIV

Emquanto, emfim, se julga o senhor d'isto
Sem suppôr que esta pátria acorde um dia;
Alguem, com seu fatídico imprevisto,
Lhe traça a pavorosa biographia!
Eu começo: Ides vêr o nunca visto;
Sentir o que ninguem presentiria!
Oh, se o não conheceis vo-lo apresento
Cantando-o desde o horrôr do nascimento!

XV

Attenção! Sobre a serra explendorósa
Que o pátrio sólo em cúpulas domina
E que retarda aos valles, impiedosa,
O alvorecer da estrella matutina,
Corrêra a maldição calamitosa
Que se fôra albergar, por negra sina,
N'um ventre de mulher, matriz da féra
Que, por nojento incesto, lhe coubéra.

XVI

Infortunio maior que a própria morte
Perségue essa infeliz no seu tugúrio,
Chorando a retorcer-se p'ra que abórte,
Prompta a perder seu líquido purpúreo!
E'-lhe, porém, contrária a doida sorte
Obrigando-a a ser mãe, — péssimo augúrio, —
E em bréve está soffrendo a dôr violenta
Que á tortura moral se lhe acrescenta!

XVII

A noite, com seus pállios de negrumes,
Implorando silencio, envolve Ceia;
Confundem-se os perfís dos altos cumes
Co'a negrura insondável que os rodeia. . .
Subitamente escutam-se uns queixumes
E vê-se, á exigua luz d'uma candeia
Uma desventurada, em plena fébre,
Ensanguentando a enxerga em seu casébre!

XVIII

Treme-se agora ao grito lancinante
D'um arranco de dôr que a despedaça
E um filho alcança a vida n'esse instante,
Elo fatal do crime e da desgraça!
Eis que resurge a aurora despontante;
A tenue luz n'um frémito perpassa;
Desenham-se as silhuetas das collinas. . .
Ouvem-se ao longe os córos das matinas. . .

XIX

A calhandra no azul canta á alvorada!
Raia o sol; tlintam guisos na arribana. . .
E entretanto, esgueirando-se embuçada,
Uma bruxa senil sahe da choupana!. . .
Traz o recem-nascido; alcança a estrada;
Ninguem!. . . Depressa!. . . Expõe-no, deshumana,
E fóge!. . . A póbre mãe, no misero leito,
N'uma angustia cruel, lacerava o peito. . .

XX

Quem prevê n'essa vida ao mundo exposta,
Que exhala flebilmente os seus vagídos,
Esse que é hoje o magno Affonso Costa,
O mais cynico e audaz d'entre os bandidos?
Sob a néve a creança, descomposta,
Tendo ao lado uns misérrimos vestidos,
Parece que nasceu sobre o planeta
Concebido p'las hervas da valleta!...

XXI

Torna-se clara a rósea madrugada;
N'um campanário, alem, bimbalham sinos...
E do innocente acerca-se uma fada
Que, perversa, o fadou p'ra maus destinos!...
Mas passa uma alma nobre pela estrada,
(Oh como o céu protége os pequeninos!)
Mulher, que vendo a creança junto á valla,
Toma-a nas mãos, alégre por salva-la!

XXII

Toma o fructo do amôr d'uns inhumanos
E esconde-o qual se fosse um pomo d'oiro!
Toma tambem as roupas que os tyrannos
Lhe deixaram como único thesoiro:
São cinco camisinhas, cinco pannos,
Dois casacos, vestido e singidoiro,
Guarnecidas a renda cinco anágoas
E os lenços em que a mãe carpira as máguas...

XXIII

A pobre vae p'ra a choça adonde habita,
Amima o infante, aquéce-o com ternura;
D'um migalheiro tísico que agita
Tira uns tostões e corre ao senhor cura.
A flôr do Mal no livro fica inscripta
E o Creador acolhe a creatura
Que tem por nome humilde e provisório
Menino expôsto Affonso de Ligório.

XXIV

Affonsinho, minúsculo engeitado,
E' mammão por tendencia original;
Nédia moçoila nutre-o, de bom grado,
Vistosa aldeã do Seixo de Ervedal.
Mas, por azár, seu leite envenenado
Faz do pimpolho autentico chacal
Que mantem, por milagre, a forma humana
Talvez p'ra não tentar a deusa Diana.

XXV

Cresce o pequeno. Em lucta co'a miséria,
Essa pobre serrana que o guardara
Maldiz a noite pérfida e funérea
Que á vida horrivelmente o vomitára.
Sinistra fome ameaça-a, deletéria....
Mas um dia,-- ó surpreza nobre e rára! —
Quando ella orava, ao tóque das Trindades,
Bateu-lhe á porta o juíz das Irmandades!

XXVI

Fôra elle o pae de Affonso! Oh! Que romance!
O Fernandes da Costa! Quem diria.
Longe da amiga e estranho á delivrance,
Que um remorso constante o assombraria?
Emfim; p'ra que a consciencia lhe descance,
Rouba o filho á miséria em que jazia!
Bonito gesto, sim; mas,— ó Deus meu! —
N'aquelle instante a pátria estremeceu!

XXVII

Tirado ás negridões d'uma ignorância,
Pondo a merenda e os livros na sacóla
Co'a mesma débil mão que em tenra infancia
Tanta vez estendeu pedindo esmola,
Contempla as casas ricas a distancia
Conhecendo a Ambição já desde a escóla!
Por ella lucta, estuda e ganha a sciencia
Muito mais que p'la própria intelligencia!

XXVIII

Seu pae, rato minaz das sachristias,
Troca ás torres os sinos e os badálos;
Em conventos e em templos passa os dias
Mudando-os p'los nocturnos intervallos!
Fingindo amar a Deus faz heresias
Tornando-se o peor dos seus vassallos
E, p'ra dar um disfarce àquélla offensa,
Accende ao filho Affonso a luz da crença!

XXIX

Lembras-te, ó meu Doutor, d'aquella edade
Em que tu, perfumado a rosmaninho,
Mostrando uma pueril graciosidade,
Pelo cirio paschal fôste o padrinho?
Recordas-te da mystica vaidade
Com que tu, d'ásas candidas d'anginho,
Parávas, lá na egreja, hirto e solemne,
Prompto a cantar nos córos do lausperenne?

XXX

Amestrado na fé, sabio em doutrina,
Trazendo junto ao externo o escapulário,
Escólhe offício e, em vez d'uma batina,
Enverga o guarda-pó d'um boticário!
Na cidade do frio e da neblina
Vae ser um miserando serventuário,
Pois que Julio d'Almeida, apóz um anno,
'Inda o nomeava sempre o seu marçano!

XXXI

Affonso não progride em tal pharmácia
E, em cartinhas ao pae, soltava threnos
Fallando em pretensões, gestos de audácia,
Que qu'ria ser alguêm, doutor p'lo menos!
Alli só desabrócha a prespicácia
N'uma tendencia innata p'ra os venenos!!
N'alma os curtiu tão bem, de tal maneira,
Que é melhor curtidor que a vinagreira!

XXXII

Crescendo, o filho audaz do troca-sinos
Vê Coimbra, que lhe acena sorridente,
Tal como o fresco oásis que aos beduínos
Lá no Sáhara sorri perpetuamente!
Se o palmar mata as sedes aos p'regrinos
Que pisam, desde longe, a areia ardente,
Tambem Coimbra, aos sedentos da victoria,
Com fontes de instrucção prepára a glória!

XXXIII

Lá o vamos encontrar, vivo caloiro;
Já namóra as tricanas na Portágem;
Já fuma o seu «Julieta» ponta d'oiro;
Já contempla os encantos da paysagem!
Porém, p'ra elle, o livro é o seu thesoiro!
Vae tragando as licções n'uma vorágem!
— Já que torto nasceu cursa direito —
Desmedida ambição lhe abrása o peito!

XXXIV

Trabalha, lucta, estuda, quer dar brado,
Pois crê na glória apóz a enorme séca!
Defende a thése, alcança o doutorado,
Ascende aos tribunaes trajando a béca!
Desde então, esse rábula enfatuado
Esquece o grande amôr á bibliotheca;
Viaja com certo ar aristocrático
Mostrando as propensões p'ra cathedrático.

XXXV

Mas esse que nos surge a tal distancia
Percorrendo o paíz obscuramente
Será, de facto, o frasco da arrogancia
Que, entornando milhões, nem liga á gente?
P'ra que possam medir-lhe a descordancia
Entre o passado póbre e o vil presente,
Recórdo esta p'ripécia consumada
N'um dos grandes hoteis da Lisboa amada.

XXXVI

Um dia, desastroso, ao pôr as calças,
As unicas que tinha, então, comsigo,
Rompeu-as ao puxa-las pelas alças
N'uns sitios que eu cá sei mas.... que não digo.
Pensando nas más linguas, sempre falsas,
Se lhe vissem taes sitios sem abrigo,
Manda chamar um groom in continenti
P'ra que as faça cirzir rapidamente.

XXXVII

Mas, como a cirzidora mal disposta
Leva longas dez horas a compo-las,
O nosso camarada Affonso Costa
Fica no quarto, impávido, em ceroulas!
Mil vezes se levanta e se recosta
Até que vêm as calças e, ao repo-las,
Logo sahe, qual pindérico furreta,
Deixando o groom á espéra da gorgeta!

XXXVIII

Em Coimbra, entre as phalanges académicas,
Graçava, no seu tempo, a enfermidade,
D'estas que se propálam, epidémicas,
Transfigurando as leis da sociedade.
Era a epocha estulta das polémicas,
Das falsas concepções de liberdade;
E Affonso faz censuras ao sob'rano
E préga o novo ideal republicano.

XXXIX

Mas resólve acabar com tal processo
Pois vê que, se é lib'ral não vae ser lente;
E deixa o automovel do progresso
Empanado sem ólio e sem corrente!
Declara-se um monarchico confesso!
Pugnando por el-rei volta a ser crente!
E o tio, o Gen'ral Campos, que o acredita,
Ouve-o fallar com fôgo e... vae na fita!

XL

Vem declarar ao rei que o seu sobrinho,
Despido já das loucas phantasias,
Tornado um bom christão, no bom caminho,
Deve ascender a lente em bréves dias.
D. Carlos, escutando-o com carinho,
Assigna a nomeação co'as honrarias!
E apóz? Subindo á cáthedra, o bandido,
Zomba do tio e falta ao promettido!

XLI

Repréga o novo ideal; mas, por dinheiro,
Logo muda e defende um seu contrário!
A favor dos franquistas, em Aveiro,
Atáca rijamente um partidário!
No célebre processo Esteves Ribeiro
Faz se um rebuscador domiciliário
E rouba, por secretos escaninhos,
Só vinte e cinco contos e uns posinhos!

XLII

Surge um dia em Salgueiros e trabalha
Outra vez, contra os seus, com más tenções!
Diz' lá; quanto ganhaste, ó, meu canalha,
P'ra que fosses traidor nas eleições?
Por massa o Doutor Costa nunca falha,
Pois, vendido ao Burnay, por vís traições,
Expoliando o Malanza, o constituinte,
Na baixeza moral chega ao requinte!

XLIII

Essa empreza dos phosphoros, tão phosphórica,
Foi victima, tambem, d'aquella pandilha
Que falla sem floreados de rethórica
Mas venenoso, peor que a mancenilha!
Aos coimbrões mostra a lepra bem cat'górica!
A causa dos electricos perfilha
Mas a facada é tal que geme a imprensa
E o biltre engóle em secco a justa offensa!

XLIV

Chovem-lhe accusações ! Pérfido alumno,
Ouve ao professor Castro alta censura !
E aquelle que é Sampaio e diz ser Bruno
Accusa-o com violencia e com lisura !
Porém, no Porto, o insólito gatuno
Faz-lhe um atáque á physica estructura !
Faltando-lhe as primicias da Razão
Recórre ao sôco e torna se um brigão !

XLV

Vence á paulada, o edoso jornalista,
E apóz, como é campeão na covardia,
Foge logo, apoiado n'um lojista
Em cuja casa, esquálido, se enfia !
Ergue-se o póbre Bruno e perde a pista
Do agressôr, que é tão fértil na mania
De esconder-se depois das suas asneiras,
Que eu creio que os avós foram toupeiras !

XLVI

Trazendo o povo sempre engambelado,
Ségue a tragédia, ensaia outro papel.
Filho da peste, o illustre deputado
Joga a bombarda ao Serpa Pimentel !
No atáque, previamente annunciado,
Vasou, tremendo, a bilis do seu fél !
Causou pânico, espanto, estardalhaços,
E el-rei sentiu tremer seus nobres paços !

XLVII

Crendo Affonso que alguem da real privança
Escrevera umas cartas com torpeza,
Subornando um garôto, elle as alcança
Roubadas das gavetas d'uma meza!
O' baixo, que arrastaste uma creança
A' fatal connivencia na baixeza!
Sempre ladrão, causaste-nos o ásco!
Porém jamais se viu tão bruto fiásco!

XLVIII

O escândalo estoirou no Parlamento
E um sôpro léve e um simples desmentido,
Provam que nada existe em detrimento
Nem d'el-rei nem do Serpa seu vallído!
Outro Serpa assignara o documento
E assim, com seu homonymo confundido,
O infame accusador contra quem grasno,
Abandona a questão com cara d'asno!

XLIX

Em vez de se esconder com o banditismo,
Sem vergonha, o Doutor corre as cidades,
Mostrando o sól fallaz do liberalismo,
Zombando do turpôr das autoridades!
Asqueroso attentato augmenta o abysmo!...
E assim, o pregadôr e os seus confrades,
Esvoaçam entre nós como uns pardaes
Chilreando á póbre seára os seus ideaes...

CANTO 2.º

CANTO SEGUNDO

NA quadra da animósa propaganda,
Sementeira moral de hediondos vícios,
Andava o povoléo sempre em bolandas
Ouvindo os charlatães por mil comícios!
Em vez dos pic-nics na Outra Banda,
Preferia achegar-se aos precipicios
Que os ídolos caudilhos lhe cavavam
Co'as promessas copiósas que manávam.

II

Nas colnmnas d'*O Mundo* eis o convite:
— «Povo opprimido! Escuta os salvadores!
A pátria te commova!, amôr te incite,
Mostrando a senda heroica aberta em flôres!
A angustia popular toca o limite!
Estomagos sem pão! rostos sem côres!
Ide ouvir o comicio na Rotunda
Franqueando a mente ao sól que vos inunda!

III

Usarão da palavra Alexandre Braga
Que brilha na eloquencia como um fácho;
Almeida, cuja voz nos embriaga,
E o nosso Girardin Brito Camacho!
Discursará Menezes. o que esmaga
Os vendilhões e aponta o seu relacho;
Falla por fim o insigne Affonso Costa
Synthetisundo a ideia ao povo exposta!» —

IV

Com tal programma o povo se electrisa
E ao Parqee-Matagal acorre todo;
Desde o pinóca ao pária sem camisa,
Vae tudo atraz do chôro em dôce engôdo!
O sól dardeja a prumo e afervorisa
Os peitos, promettendo um lauto bôdo
De poeiras e de miasmas com fartura
Tudo com cheiro a próximo á mistura.

V

Se soubéssem pensar na Roma antiga,
Quando os verbos de Antonio e Junio Bruto
Teciam, junto ao povo, a infame intriga,
Apóz o regicidio, impondo o lucto;
Bons patricios que inchavam p'la barriga
Exigindo aos plebeus duro tributo,
Talvez que, ante esse exemplo dos romanos,
Se enjoassem d'estes bons republicanos!

VI

Já n'um tôsco palanque embandeirado
Um discurso; outro; e outro se profére.
Um mar de gente escuta, brado a brado,
A burla mais brutal que a História insére!
Eis surge Affonso, o misero engeitado,
P'ra que o programma exposto não se altére.
A' turba ignara, ás massas de Lisbôa,
Alteando a vóz, assim cantava a lôa:

VII

—«Eis-me a saudar-te, ó povo soberano!
Enorme, quer na terra quer nos mares,
Ante o qual se embasbáca o genero humano
Por vários modos, tempos e lugares!
Ouves, povo, o modesto puritano
Que mais sente o travôr dos teus pesares
Para os quaes prompto allivio te procuro
Sem pretenções de premios no futuro.

VIII

Ouviste os inflammados e inflammantes
Oradores de fôgo inapagável
Que em phrases tão geniaes, sempre elegantes,
Mostraram-te a verdade insofismável!
Rendilhados não sei, mas são bastantes
Sinceridade e pulso insubornável!
Nem os dons de orador peço á fortuna
Se impregnado de fé subo á tribuna!

IX

Tenho fé nos destinos d'este sólo
Por muitos outros sólos dilatado
Onde acariciador flammeja Apollo
Como o materno olhar no filho amado!
De banza ou de espingarda á tiracollo
Seu povo é sempre alegre e sempre ousado
De sorte que p'ra elle,— vêde a História,—
Qualquer negra desgraça é transitória!

X

Ha muito que a nefasta monarchia,
Outr'ora illustre em béllicos afans,
Occulta a podridão que se procria
Como o bicho invisivel das maçãs!
Tenebroso crepusc'lo já resfria
O pomar das explendidas manhãs,
Mas nós, vendo que o mal germina perto,
Vamos curar o fructo antes de aberto!

XI

Não ouvis um fragôr ?; doidas carreiras,
Assim como um tropel de cavalgadas ?
Sabeis o que isso é ? São roubalheiras
Que perpassam por nós desenfreadas!
Vêm das repartições, — doces melgueiras!, —
Vão ao paço real ser assignadas,
Só p'ra manter na engorda os estadistas
E ornar-lhes as amantes nas modistas!

XII

Fallam bem alto o Crédito Predial,
A manigancia do Hinton e outros tantos
Que se deixam vencer p'lo vil metal
Como nós p'la Justiça e seus encantos!
Olhae p'ra os cortesãos; Marquez de Tal,
Barão de Cascas d'Alhos! Os seus mantos
Estão com mais torpezas em contacto
Que as véstes d'um cadáver putrefacto!

XIII

Olhae como elles vivem! Que estadões!
Que pompa em seus palácios e chalets!
Qne orgulho nos seus áulicos brazões!
Que luxo nas magnificas librés!
Pisando as alcatifas dos salões,
Das quaes a traça hostil passa atravez,
Pensando nos plebeus que julgam parvos,
Cogitam nas mil formas de explorar-vos!

XIV

Vão á noite a San Carlos; que espavento!
As damas mais garridas que as cocótes,
Exhibem sem pudor o encantamento
Dos seios nús nos lúbricos decótes!
O vício opéra quente e virulento
Incutindo as paixões nos fidalgotes!
A luz,... o elixir,... o arôma a sândalo,
Incitam docemente ao grande escândalo!...

XV

El-rei que folga, pinta, caça e jóga,
Exige adeantamentos p'ra a folia
Sem prever que haja alguem que enverga a toga
Dispondo-se a julga-lo 'inda algum dia!
Surge uma lei travão, lógo a revóga
No seu solar o rég'lo da Anadía
Que vem da fina estirpe dos Lucianos
Que andam matando as rátas pelos canos!

XVI

Na guerra, lógo apóz uma derrota,
Corre o sáque no burgo espavorído!
Qualquer dos inimigos se alvoróta
Tombando o vencedor sobre o vencido!
Colérico e purpureo o sangue bróta,
Pólvora estoira em trágico estampído!
Ha crimes desde o paço ás negras vielas,
Rouba-se o lar, profanam-se as donzelas!

XVII

Este horroroso quadro representa
O povo ante os ladrões ! Louco dispendio !
O sáque que a política fomenta
P'ra nosso arresto, oppróbrio e villipendio !
Nem mesmo todo o mar posto em tormenta
Póde apagar de prompto o enorme incendio
Que me crepita n'alma em ância eterna
Contra a quadrilha real que nos governa !

XVIII

Porém, mais do que o Rei, mais que a nobreza
E que a administração que nos barálha,
Sobresahe na ganancia e na torpeza
A phalange immoral da clericálha !
No dia em que eu triumphar, ó cólera accesa !,
Não creio que haja um Deus que então lhes valha !
Templos, conventos, coios dos jesuitas,
Serão largas escolas e gratuitas !

XIX

Olhae como as canastras vão á missa,
Vêde-as depois no mal contraditório,
Pensando no adultério ou na cubiça
Contra o próprio espaldar do genuflexório !
Porêm tempo ha de vir em que a Justiça,
Por milágres talvez d'um São Ligório,
Ha de ir domando a crença tão funesta
E, em quatro gerações, já nada resta !

XX

O jesuita minaz que vos illude,
Sensual e comilão, de instinctos máus,
Chama — quc arrôjo ! — capas de virtude
Aos sebentos e aos negros balandráus !
Teremos que os zurzir quando isto mude
Ao tiro, á bomba, a murro, a varapáus !
Sobre elles cáhiam mócas, chovam pedras,
Qual arraial varrido em Torres Vedras !

XXI

Cléro sem pundonôr, reles nobreza,
Côrte nescia, politicos de incuria !
Eis os cancros da pátria portugueza,
Autores vís da humílima penúria !
Impõe-se uma reforma ! Bella empreza !
O' povo meu sequáz, vibra com fúria !
Tem fé n'outro regimen sempre honrado
Que mude Portugal n'outro El-Dorado !

XXII

No dia em que a Republica estrondósa
Soar em cem mil vivas por Lisbôa,
Vereis a luz do sól mais luminósa,
Que já dos céus meus votos abençôa !
Liberdade vereis, que se antegósa,
Se em luzentes visões o espir'to vôa !
E que Ordem, que Trabalho, Paz e Amôr,
No afago ideal d'um sonho embaladôr !...

XXIII

Transformação geral! Os ministérios
Não mais serão vespeiros de moscardos,
Mansões de parasitas deletérios,
Abrigos de indolentes felizardos!
Terão a controla-los homens sérios,
Diligentes, solícitos, galhardos
E que hão de dar audiencia a quem supplíca,
Seja embóra a mulher da fava rica!

XXIV

Sentinelas da pátria sempre àlérta,
Terão gosto em guardar-lhe o seu thesoiro
Em vez de o ter co'a porta sempre aberta
Por onde ell' fóge e cahe no sorvedoiro!
Nossa riqueza então será tão certa
Como, em arca d'avaro, as doblas d'oiro,
Tão inuteis ás gárras do usurário,
Quão próprias á nação no seu erário!

XXV

Co'os gavetões do Estado abastecidos
Serão brandas as pautas alfandegárias;
Quantos impostos mais serão banidos
Porque as verbas far-se-hão desnecessárias!
Monumentos sem par vereis erguidos;
De dia o bródio e á noite as luminárias;
E, n'um record mundial dos explendores,
Tereis a ponte pencil p'ra os Açores!

XXVI

Vereis n'um pedestal a deusa Sciencia,
Cujo rádio, a fulgir, céga a retina,
Calcando aos pés a doença, a pestilencia
Que as entranhas sem luz penetra e mina!
Só servirá de empenho a competencia
A quem p'ra os altos cargos se destina!
E o açambarcador vae ver-se grego
Pois ninguem terá mais que um só emprego!

XXVII

Vereis morrer de facto, os monopólios,
Baluartes colossaes d'um lucro abjecto,
Que as tintas hão de ter por santos ólios
Ao rascunhar-se o trágico decreto!
Distribuidos ao povo os seus espólios,
Tereis vingança atróz, premio concreto;
Vereis os accionistas, os jesuitas,
Nos banquinhos dos réus, como uns catitas!

XXVIII

Tratarêmos com mimo a agricultura
Dando impulso ás fortunas que ella arrisca.
Dez canaes sulcarão toda a planura
Jacente desde Niza até Vall'd'Isca!
Em que lindas visões se me afigura
A terra sem frescôr, zona mourisca
Que os sangrentos heroes fertilizaram
Em mais de mil batalhas que estaláram!

XXIX

As colonias serão quaes Edens eram
Com leis d'alto fomento as mais perfeitas;
Seremos como os médicos que operam
E não como estes parvos endireitas!
Nas zonas em que os nossos 'inda imperam
O menos que ha por anno é trez colheitas,
Dando agóra uma só, são mal lavrados
Por estadistas brutos como arados!

XXX

Já D. João Quinto assim nos fez outr'ora,
Co'um torpe chanceller, um Côrte Real;
Mas surgiu no Levante a rubra aurora
Do sol reformador que foi Pombal!
Com que brilhos e fuchsias nos colóra
O campo que encontrou n'um chavascal!
Assim tambem, Republica surgente,
Darás a vida á pátria, a luz á gente!

XXXI

Vereis a disciplina entre os soldados,
Nas formaturas hirtos como espéques!
Sobre o mar formidáveis couraçados
Em vez d'esses inuteis calhambéques!
Sem ministros que os tragam subjugados
Nem reis a quem fazer salamaléques,
Com brio, os officiaes trajarão fardas,
Nunca mais os vereis em calças pardas!

XXXII

Faremos altos fócos p'ra o turismo
Dando á serra estupendos sanatórios,
Passarellas, mirantes sobre o abysmo,
Proporcionando uns bens gratulatórios!
Hão-de extinguir-se a gotta e o rheumatismo,
Terminando os descuidos vexatórios
Dos lacaios d'el-rei, d'almas penadas,
Que folgam co'os socalcos nas estradas!

XXXIII

Só com medidas taes, com tal adubo,
Vereis o pátrio lar bem restaurado;
Riqueza nacional levada ao cubo;
D'este pântano, emfim, surgindo um prado!
O cambio subirá como n'um tubo
Sóbe, ao calôr, o azougue dilatado;
E será tão pasmosa a barateza
Que só cante a abundancia em qualquer meza!

XXXIV

Bacalhau a pataco ides comer,
Lá do mar que circunda a Terra Nova,
Que o rude marinheiro irá prender
Forçando o dorso em hórrida corcóva,
P'ra que, em alta expansão d'alto saber,
Eu possa dar ao povo a bella prova
De que, dos vários órgãos, por meu lado,
E' o estomago sempre o mais prezado!

XXXV

Ides ter instrucção ! Forte alimento
Que espíritos mantem, gera os affectos.
Os padres não na acceitam,— louco intento,—
Mas bem pódem tremer dos meus projectos !
Que vergonha ! Ha setenta e trez por cento
Ou mais de cidadãos analphabétos !
São rebanhos de ingenuas creaturas ;
E quem nos apascenta ? Padres curas !

XXXVI

Mas oh que leis virão, que tanto anhelo,
Condemnando-es sem dó, sem brando indulto !
Em vez da penna, um trágico escalpello,
Mostrará toda a lepra que ha no culto !
Lei da Separação, do meu desvelo,
Tereis, obra de audaz jurisconsulto ;
Nobres leis p'ra a familia e p'ra o divorcio
Promptas a bipartir qualquer consorcio !

XXXVII

N'outra de Inquilinato haverá favores
P'ra aquelles que se batem co'as desgraças ;
Inqu'linos vão bradar aos oppressores,
Como donos que são, cantando ameaças ;
Os proprietarios, simples detentores,
São p'ra pagar impostos e argamassas,
De tal sorte que um prédio em Portugal
Venha a ser uma asneira em pedra e cal !

XXXVIII

P'ra levarmos ás classes argentárias,
N'uma plena, efficaz democracia,
Aclimatisações egualitárias
Que primem nos encantos da harmonia,
Andamos a pregar catilinárias
Contra a pôdre, ominósa dynastia
Que iremos destruir com bravo estrago
Quaes romanos virís contra Carthágo !

XXXIX

Campeava o despotismo em toda a França ;
Odiava-se a Antonieta esbanjadora ;
O financeiro Necker nada alcança
N'uma acção pertinaz, conciliadora.
Que resta ao povo então ? A grande esperança !
(Ah ! sempre mal de nós se assim não fôra !)
Esp'rança na victoria ! E fére a guerra
Na tragédia infernal que assombra a terra !

XL

Reina o Terror ! As turbas inflammadas
Ameaçam toda a régia camarilha !
E loucas, já correndo amotinadas,
Galgam d'um salto os flancos da Bastilha !
Entrincheiram-se, inventam barricadas ;
O sangue, em convulções, pulsa e fervilha !
Dilatam-se arcaboiços que resfolgam
No ardente ideal que athléticos empolgam !

XLI

Forçando-te á nascença, ó Liberdade!
Estorceu-se no mundo ancíosa gente
Tal como em quarto escuro em anciedade,
Tambem se estorce a joven parturiente!
Ensanguentou-se o leito; a humanidade
Teve a máxima dôr! ; mas, finalmente,
N'um forte repelão, soltando bérros,
Deu-te á luz, em Paris, tirada a férros!

XLII

Liberdade nasceu! De facto existe!
Mas o parto, afinal, não está completo!
Por um frágil cordão que 'inda presiste
Vemos nós a placenta unida ao féto!
'Inda ha póvos escravos! Isto é triste!
Isto é baixo, isto é biltre, é pôrco, abjecto!
P'ra que não vamos nós brandir a lança
Por dar mais vida á pállida creança?

XLIII

Portuguezes! o triumpho bate á porta!
Com bandeiras e âncoras nos signala!
E a monarchia, olhae!, tombou já morta;
O que apenas nos falta é sepulta-la!»—
Assim falou. E o povo que o transporta
Nos braços e as mentiras lhe propala,
Tendo, in mente a tragédia embryonária,
Vae d'alli p'ra os covis da carbonária!...

CANTO 3.º

CANTO TERCEIRO

I

CINCO d'Outubro. Em plena fandangada!
Rebentára a fatídica surpreza
E a cidade vibrava enthusiasmada
Aos compassos marciaes da Portugueza!
Beijos de mãe da aurora marchetada!
Um sorriso cordeal da Natureza!
Oh, quantos n'esse dia extraordinário
Se viram ir nos contos do vigário!

II

Aquelle que pregava ás multidões
Logo ao chegar á practica deu bota
Pois que ao ouvir o troar d'alguns canhões
Provou que só de lingua é que é patriota!
Tornado o mais poltrão d'entre os poltrões,
Mostrando a pallidez, creu na derrota
E, abandonando a guerra e o seu theatro,
Raspou-se no coupé quarenta e quatro!

III

Ao passar por Alcant'ra o fugitivo
E' alvo do rancôr dos partidários
Que, ao verem-no azular sem ter motivo,
Disparam-lhe as pistolas, sanguinários!
Que é do fulgôr ardente e primitivo
D'esse que abandonou corr'ligionários
Indo encostar-se aos fólhos d'uma amiga
Deixando os mais a sós co'a enorme espiga?

IV

Depois d'esse bamburrio mysterioso,
O nóvel estadista, entre o vivório,
Elevado a ministro ardendo em gôso,
Toma p'ra as leis violento vomitório!
Parabens á mulher que odeia o espôso
E se quer inflammar n'outro casório!
E ao meu desventurado senhorio
Os mais sentidos pêzames envio!

V

Anicha logo apóz toda a família
Tornando-se o mandão dos tribunaes!
O Arthur, que passou noites de vigília
P'ra guardar as ovelhas nos curraes,
Que sempre demonstrou certa quisilia
P'los livros que nos tornam racionaes,
No Tribunal do Commercio, aquelle arára
E' feito o contador da quinta vara!

VI

Como esse casarão bastante int'ressa
Ao Costa que o pretende abarbatar
P'ra que, mexendo alli peça por peça,
Das mais altas questões se encontre ao par,
Manda logo fazer o exame á pressa
Ao quasi analphabeto Antonio Av'lar
E, co'a instrucção primária, essa avis rára
Ascende a contador d'uma outra vara!

VII

P'ra o contrôle da finança foi nomeado
O José d'Abreu, authentico imbecíl;
E o Germano Martins, um associado,
Conservador Geral do Registo Civil!
Ora, sendo o Affonso um advogado
E abarcando a Justiça com ardil,
Promette aos seus pupillos lautas bodas
E vence astutamente as questões todas!

VIII

Aquelles peralvilhos seus parentes,
Que o Doutor quiz tornar uns dignos sócios,
Recebem no escriptório os seus clientes
E alli se vão papando altos negócios!
Forja Affonso os decretos incoherentes
Ao sabôr dos cunhados capadócios!
E, imitando em tal gesto o Bonaparte,
Maneja co'a familia em toda a parte!

IX

A côrte que formou torna-o vaidoso!
Junto á Casa Civil que elle avassalla
Tem Casa Militar que espaventoso
Exhibe nas soirées com grande gala;
São: Americo Olavo, o Sá Cardoso,
Pereira Bastos, Pope e Affonso Pala
Que séguem como a cauda d'um cometa
Em qualquer salsifré que o heroe se metta!

X

Um dia, no apogêu da sua grandeza,
Tomando na poltrona um ar triumphal,
P'ra fingir que esclarece uma incerteza
Chama a capit'lo os netos de Pombal!
Ao ve-los préga um murro sobre a meza
E vociféra: — «Eu sei que em Portugal
Ficaram escondidos uns jesuitas
Que pretendem matar-me ou fazer fitas!

XI

Se acaso os occultaes, como eu supponho,
Lá no vasto solar ou quinta d'Oeiras
Bem podeis despertar do horrivel sonho
De ver novas polés e outras fogueiras!
Vosso avô foi grandioso, foi medonho,
Mas vós, que ides seguindo outras esteiras,
Não cuideis que o Marquez desappar'ceu!
Pois essa alma immortal herdei-lh'a eu!!!

XII

Foi leão, mas entre ovelhas, pois bem cedo
Nos mostra, em prova real, não ter corágem!
Na Praia das Maçãs, sobre um penedo,
Habita co'a família e co'a creadagem!
Como viaja sósinho anda com medo
Vencendo n'um tremôr a curta viagem
E então, prevendo o p'rigo, traça um plano...
E já p'ra a nova farça se abre o panno!

XIII

N'aquelles sitios ermos, esquecidos,
Onde, em vez do gorgear da philomela,
Se ouvem de noite os trágicos bramídos
Que em seus psalmos de dôr solta a procella,
Apresta o nosso Affonso os seus ouvidos
Curvado, sem temôr, junto á janella,
Vendo um monte de saibro onde alguns vultos
Se foram abrigar esp'rando occultos.

XIV

Apenas se ouve o mar e a ventania...
Conservam-se os farçantes com recato...
Mas outro grupo assalta a plága fria
E estoiram quatro bombas de chlorato!
Principia o Doutor na gritaria:
— «Tentaram um monstruoso assassinato!» —
E trava-se entre os grupos rija lucta
Que encetada a brincar termina á bruta!

XV

São presos os das bombas inflammadas,
— Uns victimas quaesquer da capital, —
Que ficaram co'as testas fracturadas
P'la briga co'a cambada regional!
Por epílogo, as contas apuradas
Provaram que essa peça é original
Do heroe que, p'ra fingir que era guardado,
Forjára co'a formiga esse attentado!!

XVI

Na febre de illudir faz novo invento
P'ra arrancar um applauso ás multidões!
Cantando o superávit em São Bento
Entorna a fatuidade aos borbotões!
Mas como a flébil chamma expira ao vento,
Apágam-se d'um sôpro as illusões,
Pois qualquer escolar, qualquer marçano
Assimila de prompto aquelle engano!

XVII

O Affonso, que suspende uns pagamentos,
Faz lançar-lhes as verbas na receita;
A' medida que o Haver toma incrementos
A columna do Deve é mais estreita;
São bilros os diversos lançamentos
Que faz passar da esquerda p'ra a direita
E assim vae conseguindo alto equilíbrio
Que é no fundo um phantástico ludíbrio!

XVIII

Fazendo assim, mesmo eu, que nada valho,
Pósso pregar o cão na merćearia,
Solicitar um crédito no talho
E não pagar os pães na padaria;
Sugeitar-me á tormenta e ao enxovalho
Em pról d'uma almejada economia
E arranjo um superávit em dinheiro
Que ha de dar p'ra a gorgeta ao carcereiro!

XIX

Teve o Costa a ajuda-lo outro vigário
Guarda-livros sem fama em qualquer praça,
— O Campos P'reira,— poeta extraordinário
Que é lido p'la familia e pela traça!
O cumplice e patrão fê-lo emissário
Na Empreza da Phosphórica Trapassa;
Representa o governo; é «nouveau riche»
E, emquanto houver mammata é sempre fixe!

XX

O núcleo dos amigos esfaimados
Que seguia o doutor como um pedinte,
Ao vêr que só deu postas a afilhados,
Chamou-lhe o charlatão do *só p'ra vinte!*
Este e outros trabalhos são c'roados
P'lo povo que por graça ou por acinte
O trata com humorismo nas gazetas
A vender elixir, cantando as tretas!

XXI

Entretem-se em diversas negociatas
Mas o senador Freitas sabe d'ellas,
Tira aos olhos do povo as cataractas,
Vae p'ra o senado e aponta-lhe as mazellas!
P'ra o Costa e p'ra os satéllites piratas
Foi essa a mais furiosa das barrelas
Questão d'Ambaca, Rhodam, Panasqueira,
Nada escapa ao sabão da lavadeira!

XXII

Pistola em punho o trágico orador
Manda tirar a máscara, estrondoso,
Ao mano Arthur que foi regenerador
E um campeão monarchico em Trancôso!
Ninguem contesta o illustre senador
E um silencio amortalha o criminoso
Que emquanto engóle em secco aquella offensa
Recebe d'outro juiz nova sentença!

XXIII

Almeida, pondo termo a uma pendencia.
Inflinge ao contendor fatal castigo!
Provando uma vez mais a sua eloquencia
Atira-lhe a matar n'um célebre artigo!
Conségue argumentar com tal fluencia
Que reduz a torresmos o inimigo;
Dá provas, cita nomes, conta factos,
Sómente os penates deixa intactos!

XXIV

Analysa primeiro o advogado
Chamando-lhe acrobata vagabundo
Qne apenas pelos trucs tem brilhado
Sem que nas concepções seja profundo!
Berrando em tribunaes sohre o tablado
Recorre á grosseria e ao termo immundo
E diz que illude o jury, o chicaneiro
Fazendo da honra a capa d'um toureiro!

XXV

Conta-nos que no Porto, esse cretino,
Propoz-se *assassinar* os adversários!
Mostrou portanto entranhas de assassino
Causando um calafrio aos seus sectários!
P'lo vinte e sete d'Abril foi tão tigrino
Que, qu'rendo castigar rev'lucionários,
Em pleno parlamento, em altos brados
Lamentou que não fossem *massacrados!*

XXVI

Mais nos conta o brilhante articulista
Que esse leopardo bípipe e bimano
Apregoava ter sido insigne artista
Mandando o seu enviado ao Vaticano!
Explicava aos atheus que tinha em vista
Ter um espião no âmago romano!
Mostrando uma vez mais com tal malicia
Que tem no fundo o espirito d'um policia!

XXVII

Relata-nos tambem que o ministro allemão
Lisongeava esse pífio mandarim
Que pretendeu mudar com má tenção
O eixo da politica p'ra Berlim!
Logo adveio o accordo anglo-teutão
Que, se não fosse a guerra pôr-lhe um fim,
T'riamos n'Africa as zonas de influencia
Sua primeira e funesta consequencia!

XXVIII

N'um galope final mostra os escombros
Em que elle fructifica a sua maldade!
Esmagador da crença causa assombros,
Paladino infernal da crueldade!
Almeida põe-lhe um fardo sobre os hombros,
Devassa-lhe a alma aos fócos da verdade!
E applica-lhe as grilhetas á memória
Mandando-o p'ra as galés da Madre-Historia!!!

XXIX

Mas essa maldição, dura inclemencia
Que já vimos correr sobre a montanha
Gerando aquelle ser cuja intelligencia
Só serve p'ra a ganancia e p'ra a patranha,
Agóra cahe sobre elle com violencia,
Seus passos e seus gestos acompanha
Causando aquelle trágico episódio
Que eclipsa n'um momento o próprio ódio!

XXX

Seguia o meu Doutor tranquillamente
P'ra o palácio alugado á presidencia,
Onde iria tratar d'um caso urgente,
Qualquer questão d'uma alta transcendencia.
E, como ser modesto é mais decente,
Illudindo os pacóvios na apparencia,
Seguiu n'um carro electrico fechado
Que ao pisar deixou logo excommungado!

XXXI

O carro vae ruidoso e corre a nove;
Nem sequér nas parágens tem demóra;
Guardando o seu lugar ninguem se móve,
Nenhum receio as fáces descolóra;
Mas eis que a acção diabólica promóve
Que, estalando, um manip'lo sálte fóra!
De súbito as faiscas tudo aclaram;
N'um arrastado estrondo as ródas páram!

XXXII

Julgando ver seu termo alli chegado,
Que de suppostas bombas já recúa,
O destemido Affonso apavorado
Salta por la ventana e cahe na rua!
Permanéce na terra inanimado
Até que a multidão que tumultua
Lhe acóde, p'ra que alli não desfalleça,
Pois tem tremenda brécha na cabeça!

XXXIII

Já corre na cidade a infausta nova
Que o nosso Redemptor está moribundo....
Tem a fronte p'ra o céu e os pés p'ra a cóva;
Diz com pallidas mãos o adeus ao mundo....
Mas eis que uma esperança se renova:
—«Está salvo!»—diz o povo e, em tom jocundo
Pergunta:—«Qual é coisa, qual é ella,
Que entra p'la porta e fóge p'la janella?»—

XXXIV

E' o grande Affonso Costa, essa alma fórte,
Débil poltrão de atlética figura
Que chóra no hospital prevendo a morte,
E, por saber que é mau, temendo a cura!
Sem ter um partidário que o conforte
Não sahe d'aquella horrivel conjunctura
E em vão quiz o Gentil com gentileza
Pôr o novo Pombal sobre a marqueza.

XXXV

Tornando-se o mais vil d'entre os ingratos
Regeita por cobarde o tratamento!
Com termos e com gestos insensatos
Deixa de ser poltrão p'ra ser nojento.
Mas apparece emfim Daniel de Mattos
Que habilmente lhe embarga o soffrimento!
E Affonso que escapou do caso tectrico
Desde então nunca mais andou de electrico!

XXXVI

Mais tarde já sem pontos na fractura,
Refeitos os pulmões p'lo ar da serra,
Resolveu tomar parte na conjura
Que fez de Portugal factor da guerra!
Bombas! Gritos! Abaixo a dictadura!
Em dois dias o Castro estava em terra!
E agóra siga a pátria p'ra a vorágem
E abram-se as minas d'oiro á villanagem!

XXXVII

Um aparte. O Doutor, traidor galante,
Que olvida com frequencia a pobre espôsa,
Tem com grande estadão calida amante
Em cujo cóllo ideal seus labios pousa!
Qnem não conhece a estrella perturbante,
A mimosa Etelvina que repousa
Nos braços do ministro e com vaidade
Nos canta a Viuva Alegre no Trindade?

XXXVIII

Desculpa-me, ó preciosa Dulcinea,
Se te não poupo em historia tão nojenta!
Mas teu nome dá brilho a uma epopeia
E um romance d'amôr sempre nos tenta!
Quando Affonso, arrastando a patuleia,
Fez troar os canhões contra o Pimenta
Foi cercado o coté da sua sultana
P'la Guarda Irracional Republicana!

XXXIX

Não descrevo a bernarda e a barafunda;
Tão somente do Affonso eu sigo os passos!
A rua Gomes Freire é a sua Rotunda
Onde folga, furtando-se a embaraços!
—«Um beijo mais, Cleopatra segunda!
O César portuguez cabe-te nos braços!
P'ra não termos o fim que teve o Egypto
Com nova aurora aclara-se o infinito!

XL

Quem movera a revolta? Affonso e os sócios!
Todos visando a infrene roubalheira!
Qualquer dos capitães tem seus negócios
E falta de ingrediente na carteira!
Um d'elles, que já gosa eternos ócios,
Quer possuir minerres na Panasqueira
E, pugnando outra vez p'lo réu malandro
Quer victoria final soltando o Leandro!

XLI

O Norton, Barrabás, ha poucos mezes
Tentara alto negócio, atiradiço,
Comprando cem camions aos turinezes
Mas o General Castro não foi n'isso!
Incita novamente os portuguezes
P'ra ser ministro apóz o reboliço
E conclue-se o contracto alimentário
No qual um titular foi commissário!

XLII

Depois Freitas Ribeiro, outro da lista,
Quer que a questão d'Ambaca se lhe ultime!
E o pápa do correio, um barriguista,
Diz do caudal do Rhodam que é sublime!
E por ultimo Affonso, grande artista
Nas concepções e prática do crime
Atira Portugal p'ra o matadoiro
Prevendo a Legião d'Honra e a mina d'oiro!

XLIII

No estuário do maior dos nossos rios
Embalados p'las aguas mansamente
Tinham os allemães trinta navios
Içando o pavilhão da pátria ausente!
Portugal não quebrava os pátrios brios
E o Tejo, espreguiçando-se indolente,
Mostrava-se um fiel d'aquelle thesoiro
Guardado no seu amplo ancoradoiro!

XLIV

O Affonso recordando um certo inglez
Que em tempos lhe propoz negócio escuro
E que elle regeitou d'essa outra vez
Prevendo exito fraco ou mal seguro,
Sonha com prodigiosa lucidez
Uma linda manóbra em que vê furo
E, confiando o segredo ao amigo Urbano,
Vão concebendo os dois o enorme plano!

XLV

O director d'O Mundo vae tem'rario
Fazer p'la mão do Black a corr'spondencia
Enviada àquêle inglez, fatal corsário,
Furness, que deu o nome á célebre agencia!
Propõe sobre o papel o intermediário
Fabuloso contracto p'ra a cedencia
Feita pelo governo àquêlle bilontra
D'essa frota allemã que aqui se encontra!

XLVI

O Affonso, chamando outro amigalhóte,
Emquanto esse convénio se elabóra,
Dá-lhe ordens p'ra partir mesmo n'um bote,
Fazendo uma apprehensão sem mais demóra!
E momentos depois lá vae o Leote
A bordo do «Voador» p'lo Tejo fóra
Dar aos allemães a horrifica batalha
No recontro naval do Mar da Palha!

XLVII

Dizia como César ao barqueiro
Que a fortuna protége os audaciósos!
E abençoava o heroe que ousou primeiro
Lançar um lenho aos mares tempestuosos!
Recordando os annaes do mundo inteiro
Julgava fruir o máximo dos gósos
Pois que sobre um batel sem sombra d'armas
Ia tragar d'uma vez trinta bisarmas!

XLVIII

Pega o binoc'lo então, põe-no ás avessas,
E em pontaria, ameaça os inimigos
Que o hão-de imaginar duas grandes peças
Com que o Nelson moderno affronta os p'rigos
Navega esse almirante feito ás pressas
E os allemães espreitam-no aos portigos...
E ao verem-lhe os galões fazem chacotas
Pois julgam que anda á caça das gaivotas!

XLIX

Engano! Esse pygmeu salta ligeiro
Invadindo um vapôr p'la trémula escada!
Ante essa audácia o attónito estrangeiro
Co'a bandeira allemã lhe embarga a entrada!
E'brio de gloria o intrépido guerreiro
Pisa-a! levando a cabo a sua escalada!
E em nome da Parodia Portugueza
Toda a tripulação declara presa!

L

Sahe do Arsenal innumera marinhagem
Juntando-se os allemães nos rebocadores!
E faz-se então a explendida pilhágem
P'la quadrilha voraz dos salteadores!
Vão barra fóra os «Caps» n'uma arágem!
O Affonso vende á Furness os melhóres
E aluga os mais pequenos p'ra a farçada
A cento e quarenta reis cada ton'lada!

LI

Ora n'aquelle tempo, preço corrente,
Pagava-se a tonelada a dez tostões!
Essa diff'rença entrou secretamente
Nas guelas insaciáveis dos ladrões!
D'esse contracto ideal, — pasmae ó gente!, —
Não existem quaesquer documentações!
Roubou um milhão de libras o bandido
E é só por tal razão que tem fugido!

LII

Na Beira, lá nas altas serranias,
Quando o disco do sól nos está vedado
Vêm as lobas, famélicas, bravías,
Descendo do alto pincaro ao povoado!
Augmentando o terror das noites frias,
Pondo em risco os zagaes, os cães e o gado,
Farejam sorrateiras pelas portas
Sinistras n'essa tréva ás horas mortas!...

LIII

Assim o Affonso, o lôbo das montanhas,
Desceu com fome do alto á beira-mar!
E uivando sempre as pérfidas patranhas,
Rouba acintosamente o pátrio lar!
Sempre a néve nas frigidas entranhas.
Trovões na voz, relampagos no olhar!
Commette o furto e mostra a cobardia
Fugindo com o terrôr da montaria!

CANTO 4.º

CANTO QUARTO

I

ERA o tempo em que as nossas lindas terras
Mandavam seus filões de mocidade
P'ra luctar na mais barbara das guerras
De quantas conta o mundo em toda a edade!
A morte em vendavaes transpunha as serras
E a vida, n'uma atroz perplexidade,
Vendo-a passar, prostrava-se ob'diente
Tal como se o simoun soprásse ardente!

II

As bravas luctas punicas, scipionicas
Que um senador impoz n'um villipendio!
As invasões brutaes de hordas teutonicas
Barbarisando a Itália á luz do incendio;
Dilatadas campanhas napoleónicas
Causando á França insólito dispendio,
Não passam de puerís anomalias
Comparadas co'a pugna em nossos dias!

III

Forçado Portugal á guerra e ao lucto
A nossa divisão lá vae submissa
Semear estéril planta 'inda sem fructo
Cuidada em vão p'los mimos da Justiça!
Emquanto exige á pátria o seu tributo
O Affonso sòbre os maples se espreguiça
Mas surge-lhe um Sidonio! — oh, que quinau! —
E era uma vez o heroe do bacalhau!

IV

A Republica Nova ségue ovante
Outras leis, outros dados pondo em jôgo
Desde que a voz marcial do commandante
Fez tocar a corneta a cessar fôgo!
Sem as rédeas na mão desde esse instante,
Em pleno charco, o illustre demagogo,
Provando uma vez mais que é dos *valientes*
Fóge p'ra o Nortc e atréla-se aos parentes.

V

E agóra ao sudorífero trabalho
Praticado na Invicta com desvelo
Quando alli foi o Mello de Carvalho
Buscar quem já quiz ser Carvalho e Mello!
Marcando a quanto monta esse enxovalho,
Vou mostrar-vos o audaz polichinello
Que ao Grande Hotel quietinho se acolhêra
Qual no Museu Grévin um heroe de cêra!

VI

No luxuoso triclinio estão pastando
O foragido Affonso e a comitiva,
Seus projectos de fuga architectando
Na hypóthese d'uma astuta defensiva.
Assembléa de abutres, negro bando,
Uns aos outros vão dando alternativa,
Entabolando apostas p'ra a carreira
A ver quem mais veloz chega á fronteira!

VII

Elle ouve as opiniões da parentela
Sentindo intimamente um sobresalto
Por prever, que ao partir-se-lhe a gamela,
Soffreria as violencias d'um assalto.
Um ruido estranho e súbito encapella
Aquelle ambiente! E Affonso vae d'um salto
Acocorar-se em âncias á cozinha
Por estar fechada a porta da casinha!

VIII

Pensando em tal pavor pérdem-se os carmes,
A penna cahe das mãos e o peito estála!
Trez segundos depois d'aquelles alarmes
Eis o terror esparso em toda a sala!
Junto ás portas perfilam-se os gendarmes
E o Mello com aplomb tudo avassalla;
Que o Sidonio e mais dois em triumvirato,
Deram-lhe a força e as tropas de aparato!

IX

E disse ousadamente: — «Meus senhores!
Lá d'aquella que o Tejo abraça e banha,
Mandam prender o rei dos salteadores
Antes que acolhedôra o abrigue a Hespanha!
Ríspido punirei contraventores
Firmado no esquadrão que me acompanha!
Cercado o Grande Hotel, cercado o Porto,
Conduzirei o Affonso ou vivo ou morto!» —

X

— «Não está! Não está! Partiu! Foi p'ra Vallença!» —
Grita o côro, estribando na mentira!
Mas o captor, sem nada que o convença,
Diz que a palávra é a morte que a retira!
O Soares, que eu lastimo que pertença
Aquella grei p'la pena que me inspira,
Ministro que alli está demissionário,
Acolhe as ordens prompto e voluntário!

XI

Madame Abreu, pugnando p'lo cunhado,
Ridicula altivez já manifesta !
Scintillam-lhe as travessas no toucado,
Vae-lhe empastando os pós o suór da testa !
Crava no Mello o olhar purpurisado
E, armando em suffragista, alli protesta
Julgando que a mulher domina o homem
Mesmo quando altos ódios o consomem !

XII

Oiçamo-la fallar : — «Vou ser sincera !
Serei como um vulcão na actividade
Que solta a lava ardente p'la cratéra
Como eu, vibrando a voz, solto a verdade !
Meu frágil coração que se acceléra
Não vem solicitar beniguidade ;
Defende o pobre irmão, pergunta altivo
Porque o querem prender ? por qual motivo ?

XIII

Martyr a quem a pátria tanto déve
Que offusca o próprio sol com seu talento ;
Inflexivel tribuno que se atréve
A invectivar um Rei n'um Parlamento ;
A tòdos mostraria em tempo bréve
Futuros d'um ideal deslumbramento
Co'aquelle superavit expontâneo
Que ousou transpôr os ossos do seu crâneo !

XIV

Foi elle o arrastador propagandista
Que os outros industriou nas próprias normas;
Luthero portuguez d'altiva crista
Porém muito mais amplo nas reformas!
Soffreu por nós atlético allruista,
Pombo da paz criou mil plataformas,
Nos campos da batalha ou na tribuna
A uns deu o sangue e a outros a fortuna!

XV

E agóra uma revolta inopinada
Vem cortar-lhe essa altíssima carreira!
Aguia que seníe a ilharga ensanguentada
Hesita no ar e tomba prisioneira!
Soldado! A vossa deusa é a pátria amada
E não qualquer política embusteira!
Se qu'reis ser portuhuez recuae na empreza!
E mais tarde comereis comnosco á meza!

XVI

O doutor não fugiu; está aqui bem perto!
Alguns minutos mais e irêmos vê-lo!
Dizei-me; 'inda está preso ou está liberto?
Creio bem que escutaes meu nóbre appêllo!»—
Calou-se. O official, campeando espérto,
Applaudiu-lhe as razões mas foi prendê-lo!
Mostra a prisão como unico remédio
E pássa a dar a busca em todo o prédio!

XVII

Emquanto aquella scena assim decórre
Transformando n'um palco um refeitório,
Com o susto é por milagres que não mórre
O immoralão das leis do Provisório!
Seu pensamento á infancia já lhe córre;
— Que bom tempo era aquelle, ó meu Ligório!—
E agóra entre panelas, prisioneíro,
Inveja a sorte ao próprio cozinheiro!

XVIII

Se podésse em trez tempos disfarçar-se
Fugiría ás torturas da Justiça!
Barrete e avental branco e, por disfarce
Das feições, nódoas verdes de hortaliça!
O' ganas que sentiu p'ra transformar-se!;
Co'um grande facalhão cortar nabiça!
Pod'ria entrar o Mello e a companhia
Que nem Judas que fosse o mataria!

XIX

Mas ai!... Nem tempo tem nem tem coragem!
Sente, agonico, uma ância derradeira!
Os moços offerecem-lhe hospedágem
Caso possa escapar co'a pelle inteira!
N'uma ideia final dão-lhe passagem
P'la porta que se abriu d'uma carvoeira
E elle, que no carvão já se acocóra,
Espreita pelas frestas cá p'ra fóra!...

XX

Está pensando talvez no vil traiçoeiro
Escondido tambem n'um vasto armário
Onde o grupo do audaz Pinto Ribeiro
O foi buscar, grandioso e libertário,
Quando o Mello lhe encontra o captiveiro
Achando porcamente extraordinário
Que um genio de tão rija envergadura
Baixásse a tão exótica postura!

XXI

Ao verem-lhe a bochecha enfarruscada
Os soldados pulávam como as molas!
Co'a força da estupenda gargalhada
Bailaram na parede as caçarolas!
E elle, águia tremente e fulminada
Surgiu da mais imprópria das gaiolas
E, varado, passou no meio dos guardas
Que olhavam-no apalpando as espingardas!

XXII

Cá fóra treva hedionda! Noite brava!
Porém nada os detem; vão p'ra a caserna
Sob aguaceiro tal que figurava
O céu carpindo ao mundo a dôr eterna!
Affonso muito trem'lo perguntava
Se não havia luz,... qualquer lanterna...
E o Mello respondia que elle e os guardas
Sab'riam nobremente honrar as fardas!

XXIII

Ouvindo isto o Doutor mostra a arrogancia
Que no baquear é própria dos mandões;
Que aos fortes só provoca a repuguancia
E aos fracos mal fundadas compaixões;
O poltrão caminhava com jactancia
Mas por dentro, — ai Jesus, que convulsões! —
Por entre a noite horrifica e medonha
Tacteava parvo em busca da vergonha!...

XXIV

Outro grande vencido, o heroe da Gállia,
Seguindo cabisbaixo, acorrentado,
Entrou no coração da velha Itália
Com César que o arrastava escravisado!
Porém, n'essa insoffrível represália,
Ao menos teve a luz do sol doirado!
E Affonso, que a si próprio se procura,
Baqueou com seus labéos na noite escura!

XXV

Só vê luz sob os tectos d'um quartel
Entre armas a luzir, — dentes da morte! —
Espéra um leito fôfo e com docel
Porém dão lhe um bailíque e vae com sorte.
Toca a sineta; acalma-se o aranzel
E o ex-mandão sem nada que o conforte,
No escuro, ouvindo a voz das sentinelas,
Sente, raivoso, as pulgas nas cannelas...

XXVI

Entretanto Lisbôa espalha gente
Formando as hostes loucas, esfaimadas
Que atacando os logistas frente a frente
Pártem com estrondo as portas onduladas !
As turbas vêm mostrar nitidamente
As sedentas vinganças concentradas
Contra o que as abeirou d'um fundo abysmo
Co'as gottas d'um lethal democratismo !

XXVII

Na fébre de vencer, — justa vingança ! —
Vão buscar o deposto á moradia ;
Mettem-lho as portas dentro, — louca esp'rança ! —
Sempre a ausencia attestando a covardia !
Novas provas de crime o povo alcança
Nas gavetas dos móveis que alli via ;
Vae lembrando o doutor p'las várias salas
Vendo em retratos seus crivos das balas.

XXVIII

Soltam-se exclamações ; novos espantos ;
Um, que dá busca, encontra a cigarreira
Do Principe ! Ha espalhadas pelos cantos
Oleographias próprias p'ra a fogueira !
Acham-se, — quem diría ?, — innumerôs santos,
Recordações da infancia lá da Beira,
Das quaes aquelle actor não quiz dar cabo
Embóra p'las acções se entregue ao diabo.

XXIX

Foi achado o borrão para o contracto
Da Porta Aberta em Angola! Escandaloso!
Fazendo aos allemães, sem mais recato,
Mil concessões n'um gesto ganancioso!
Era escripto em trez linguas, — tudo exacto! —
Tornando o auctor um baixo criminoso!
Quanto mais que, fingindo arder na guerra,
Com traições ia ferindo a própria terra!

XXX

Que outro maior traidor nos mostra a Historia
Que em suas sábias lições nos illumina?
D'entre os mais vís aponta-me a memória
Como segundo o célebre Catilina!
Mas esse, ao menos, béllico em Pretoria,
Altivo, os seus contrários recrimina!
Por isso o meu poltrão fica em primeiro
Que além de mais mordaz é mais traiçoeiro!

XXXI

O Doutor, ao saber d'aquelle assalto,
Lá no quartel do nóve onde jazía,
Pulou como um cabrito sobre o asphalto
Qu'rendo romper os muros da enxovia!
Por ter sido ladrão estava bem alto
Mas p'ra fingir miséria até ganía:
— «O que eu tinha! Ai do mim! Estou sem guarida!
Nunca mais me refaço em toda a vida!» —

XXXII

Em mais duas prisões passa trez mezes
Mas o Paes que recusa, por confiante,
Conselhos dos satélites cortezes,
N'um piedoso perdão, solta o birbante!
Liberto vae dizer dos portuguezes
O que o pádre em sermões diz da bacchante!,
Tendo ao lado o fall'cido Bernardino
Chorando puerilmente o seu destino!...

XXXIII

Campanha do descrédito! O altruismo
D'outr'ora, do panfleto e da linguagem,
Encontra-se em faccioso antagonismo
Co'as vis difamações d'aquella viagem!
Mas ai! Decapitado o sidonismo,
Regressa pouco a popco a malandragem
Que o povo com temôr vae supportando
Balindo uns débeis ais de quando em quando,

XXXIV

A bandeira da Paz que então se arvóra
E' como o lenço alvíssimo agitado
P'las mãos da ausente que a nossa alma adora
E surge além n'um bergantim doirado!...
Quando ella chega o Affonso está lá fóra
E não regressa ao lar p'ra ser laureado,
Gosando os seus milhões muito a seu gosto
Possuindo a Legião d'Honra e um alto posto!

XXXV

Ahi temos Sua Insolencia o Doutor Costa
O nosso enviado ao Pacto das Nações!
Genebra é o seu lugar porém... não gósta,
Acha insípida... emfim, falta ás sessões!
Em vez d'aquella liga mal composta
Quer em Paris prolíferas ligações...
O lethargo da paz prostra-o e vence-o
E ei-lo que cahe n'um mágico silencio!...

XXXVI

Cavae, homens, no chão sulcos profundos,
Correi regiões sem fim, selvas escuras!;
Ide ao mar, escafandros, ide fundos,
Explorae carolinas, rochas duras!;
Subí, ó argonautas furibundos,
Rompei nuvens, ó águias das alturas!
Ide ver se encontraes um diplomata
Mais vaidoso, mais pífio e mais pirata!

XXXVII

Emquanto o desalento nos deprime
E nos tuberculisa nas entranhas,
Entrêmos n'esse explendido Maxime
Onde elle esbanja as notas tão mal ganhas!
Que importa a corrupção? que importa o crime?
Ora adeus!, quem vae crer n'essas patranhas!
Aproveitem-se sempre as energias
Que o mundo é curto e a vida ephem'ros dias!

XXXVIII

A sala é resplendente! As raparigas
Meneiam-se aos compassos musicaes
Como ao sabôr do zéphiro as espigas
Se bambeiam doiradas nos trigaes!
Qual dá saltos no ar mostrando as ligas,
Qual ostenta uns decotes tropicaes,
Qual ao som tentador d'um jazz-band
Seu júbilo infantil cantando expande!

XXXIX

Passa-se ao restaurante explendoroso
Onde ceiam magnificas mulhéres;
Resplandecente, opiparo, ruidoso
De vózes, taças, pratos e talhéres!
Oh! Surpreza! O Doutor em pleno gôso,
Lá está que faz tambem seu pé d'alféres
Ceando com trez pêgas e o Germano,
Arrancando espiraes d'um puro havano!...

XL

—«Olá! Gastas as massas que recébes
Em noitadas de borga e bacchanal?
Tu julgas que é champagne o que tu bebes
Nas taças retlintantes de crystal?
Não! Teus lábios em lágrimas embebes!
Verte-as o coração de Portugal!
Verte-as na nossa pátria uma pobreza
Que nem lógra as migalhas d'essa meza!

XLI

E emquanto n'essa terra abandonada
Não ha roupas nem pão nos hospitaes,
Tu mantens uma vida engalanada
Gosando as suas lustrósas saturnaes!
Tu não pensas em nós? Não sabes nada?
Não te escrevem de lá? Não lês jornaes?
Que é d'esse santo amôr que promettias
Quando ao povo a república impingias?

XLII

Nem me escutas sequer! Nauta perdido
Ouves somente os cantos das sereias!
Desprezas as perguntas embebido
Co'a mitra do pavão que saboreias!» —
Murmura a Gigolette: — «Affonso qu'rido!
Queres meu coração?, pága-me as ceias!» —
E elle: — «Eu pago!, eu pago! Ha muitas notas;
E, depois de cear, conto anecdotas!...

XLIII

Mas ella róga então: — «Fáze-nos antes,
Co'essa garganta de oiro e voz de prata,
A descripção das terras deslumbrantes
Que nos mandam tão magno diplomata!» —
Mal ouve estas palávras tão galantes
Logo o garboso Affonso a voz desata;
Accede com vaidade e diz: — «Garçon!
Quatro garrafas mais de Moët Chandon!» —

XLIV

Gigolette levanta-se e annuncía
A'quêlle luzentissimo auditório
O que esse Padre-Eneas contaria,
Prodígio portuguez, génio oratório!
Mandam vir mais champagne! Engrossa a orgia!
Brindam pelo Doutor; rompe o vivório!
E apóz o estralejar de innumeras palmas
Um súbito silencio esfria as almas...

CANTO 5.º

CANTO QUINTO

I

CLARIDADE immortal da Providencia,
Minha sempre estimada, etherea Musa!
Exerce em mim tua mágica influencia
P'ra que a arenga do Costa aqui traduza!
Jamais poderás negar franca aquiescencia
A quem, confiado em ti, por ti recusa
Aquellas por quem outros já chamaram
Quando o Pégaso, arfantes, cavalgaram.

II

No silencio imponente que de prompto
Se faz na sala ha pouco estrepitosa,
O nosso embaixador rumina o conto
Emquanto a multidão o aguarda anciosa.
Já do muito licôr enjoado e tonto,
Embóra um tanto a custo, érgue-se e pósa;
Cofia a pêra; assoa-se; olha a sala
E assim, vibrando a voz, vaidoso elle falla:

III

— «Portugal pátria-mãe dos meus cuidados,
Creiam-me, é dos torrões mais captivantes;
Noventa mil kilometros quadrados;
Sete milhões d'uns dóceis habitantes.
Sem fallar em domínios apartados,
Impérios d'além-mar, terras distantes,
Que escapam sempre aos cães porque a matilha
Teme as luctas sangrentas da partilha.

IV

Tem elle a norte e léste a madre-Hespanha;
Ao occidente e ao sul o oceano Atlântico,
Que falla do seu povo á terra estranha
Compondo em seu louvôr glorioso cântico;
D'esse povo que os yankees acompanha
Na civilisação, mas que é romàntico,
Não querendo acceitar a nova escola
Que aponta a salvação vendendo Angola.

V

A flóra, cá na Europa, é das primeiras :
Tem florestas brutaes de umbrósos galhos ;
E até os próprios homens são Pereiras,
São Rosas, são Pinheiros, são Carvalhos ;
E todos, desde os Relvas aos Nogueiras,
Em tempos de eleições são sempre uns alhos
Pois vão todos votar, pobres lunáticos,
Em sua insolencia o chefe dos dramáticos !

VI

A fauna é das mais ricas, pombas minhas
Que me escutaes com tímida attenção :
Na villa de Souzel vivem Sardinhas,
Na crítica mordaz brilha o Falcão ;
Ha Lôbos, ha Cordeiros, ha Tainhas,
Um Camelo-Lampreia, um Pinto Leão ;
E eu, que entro tambem n'esse concurso
P'las vezes que já fiz figura d'urso.

VII

O relêvo do sólo é multiforme :
Junto á vasta, assymétrica planura
Estende-se imponente o dorso enorme
Da cordilheira arval de nívea altura ;
Gigante colossal que sempre dorme
E em fontes e caudaes sempre murmura,
D'onde eu temo que surja uma avalanche
Que arraste o povo e as pompas me desmanche.

VIII

Se um dia fordes vêr esses colóssos,
Amantes como sois de automob'lismo,
Tende cuidado em vós, numerae os óssos
Por causa das estradas de turismo;
Subitamente vós e os carros vóssos
Darão no escancarado e fundo abysmo
Texto aos jornaes, bonecos ás revistas,
Banquete á morte e glória aos estadistas!

IX

Vou traçar-vos agora itenerários
Atravez d'essa terra auriluzente,
Passando à vol d'oiseau p'los pontos vários
Que a saudade aclarar no peito ausente:
Aldeias de elegantes campanários
Onde poisa a andorinha em tempo quente,
Cidades, burgos, campos p'ra a lavoira
Que declaram bemdito o sol que os doira.

X

Logo ao norte, soberba, se destaca
A nobre e leal Monsão, praça esquecida,
Que outr'ora se defende e contra-ataca
Mais vezes vencedora que vencida.
Tão forte ella era então quanto hoje é fraca,
Porém, mesmo co'a cinta já partida,
Seu nome em nossa Historia 'inda revôa
Pois Deusadeu Martins glorificou-a.

XI

Proseguindo, Valença se avisinha
Onde o fisco entrecorta o contrabando
E, junto á Insua verde está Caminha
Vendo o Minho a seus pés límpido e brando!
Alli junto ao pontal córre a sardinha
Que os rudes caminhenses vão pescando
E alli nasceu Sidonio, alma damnada,
Por quem vi minha glória empandeirada!

XII

Já sou chegado a Vianna do Castello
Que a santa céga tem por padroeira,
Terra do heroe que mette n'um chinelo
Qualquer campeão na sciencia financeira!
Mas o que ao grande Annibal fez Marcello,
Fiz eu ao já decrépito Espregueira
N'um superávit, alta maravilha,
Em que as parcellas dançam uma quadrilha!

XIII

N'outro departamento fica Braga
Que, segundo o meu cálculo estatístico
Tem mais gente que a crença ao peito afága
Que heroes do livre-penso cabalístico!
Cidade clerical que a fé propaga
N'um congresso epidémico eucharistico
E o bom Domingos Pereira não vê nada
Co'antiga tolerancia *desbragada!*

XIV

Logo abaixo de Braga encontro o Porto,
Brumosa capital da Traulitânia,
Onde o Gran Capitan não quiz ser morto
P'ra pagar co'a vergonha a extrema insania !
Revolução fatal ! Ultimo abôrto
D'uma campanha inglória, extemporânea,
Tentada com rachíticos famélicos
Que só serviu p'ra os albuns philatélicos !

XV

Villa Republical de Traz-os-Montes
Branqueja d'entre as serras onduladas
E apóz curvas, barreiras, tunneis, pontes,
Vae-se a Chaves das caldas afamadas !
Foi lá que uns coiceiristas brutamontes
Provaram penetrantes cutiladas
Soffrendo tormentosa represália
Maior que a que Pompeu teve em Pharsália !

XVI

Na vertente boreal d'alta collina
Vejo agóra a pacífica Bragança
Que n'um lethargo suáve se reclina
Como a náu sobre as águas em bonança !
Com seu nome á phalange brigantina
Acalenta p'ra sempre aquella esp'rança
De apagar largo incendio pavoroso
Que um Teixeira de Sousa ateou raivôso !

XVII

Passando além do Douro,— o estreito rio
Que a sierra de Oberon rotundiventre,
N'um dia atroz, cahotico, sombrio,
Com tristeza sem par, soltou do ventre,—
Encontramos a paz do vale sadío
Da terra de Lafões ; e Vizeu, entre
Altas serras, que se enchem dos suspiros
Que a funda mágua arranca aos Casimiros.

XVIII

Aveiro ! Nome mórbido e callisto !
Nem me desperta n'alma uma saudade !
Nem na qu'ria citar, mas não resisto,
Triste, lethal, insipida cidade !
Só porque abriga o bárbaro Homem Christo
Que entorna sobre as folhas a maldade !
Que mostra essa Veneza ? Uns ovos molles
E um parvo que 'inda ha de ir p'ra Rilhafolles !

XIX

A sueste,— oh que explendôr !,— surge o Bussaco
Que é p'ra comvosco a nossa Waterloo ;
Perdoae-me, por favor, visto que ataco
As sombras de Massena, Ney e Junot.
Qualquer dos trez mar'chaes deu tal cavaco
Co'a derrota fatal que alli passou
Que, desde então, cada um teve o seu tácho
Como eu já fiz co'o Almeida e co'o Camacho.

XX

Volta á serra. Eis a Guarda que se ufana
De supplantar as nuvens na ascenção !
A nevoa, como a densa tarlatana,
Quasi que por completo ahi veda o chão,
O' zona veramente luzitana
Onde em tempos pilhava o João Brandão
Cujos feitos crueis se adocicaram
Depois que os meus discip'los manobraram.

XXI

Ao centro se alevanta o monte Herminio
Que é cume de fulgôr do heroe Viriato,
A quem o portuguez, no vil declínio,
Nega a consagração, vilmente ingrato !
Alli mantenho um vasto predominio,
Um retiro estratégico e pacato
Em Ceia, a flôr beirã, mas d'asp'ro clima,
Que das neves perpetuas se approxima.

XXII

Foi alli, foi alli, gloriosamente,
Sobre essas cãs da terra idolatrada,
Que esta alma, á plumbea luz d'um sol nascente,
N'um ósculo sacrílego foi gerada !
Ausente do meu lar, da pátria ausente,
Abrigo uma saudade acrisolada
Que n'alma, em núpcias trágicas, se casa
Co'o remorso implacavel que me abrása !...

XXIII

Que outra visão que eu tenho!... E' Coimbra-a-Bella!
O coração da pátria portugueza!
Burgo gentil que os homens abroquela
Ante o explendor da exímia Natureza!
Com que lindos contórnos se acastella
Soberba, entre os vergeis da redondeza!
Amplo sorriso ao noivo apaixonado
Q[illegible]'ra o seu noivado!

XXIV

Contemplada por nós de enorme altura
E' qual montão de pétalas de rósa
Sobre o canteiro imenso de verdura
Que a Natureza mãe semiou piedosa!...
Oh, quadro sem rival!, tem por moldura
O Mondego subtil da curva airosa
E das margens que, ao luar da noite calma,
— Oh, que frisson que eu sinto dentro d'alma!,—

XXV

Que ao luar das noites límpidas de estío
Embalam corações nos concertantes!...
Cicía a viração, murmura o rio,
Gemem no espaço as citharas soluçantes!
A Saudade e o Amôr, ao desafio,
Cantam n'alma saudosa dos amantes
Como dois menestreis que a Noite envía
Do seu castello astral d'alta magía!...

XXVI

Como eu me elévo, ó céus!... A mente abstracta
Perdeu-se no Choupal, pranteou nas veigas,
Subiu, pairou,... cantando uma insensacta
Que é surda ao som cordeal das fallas meigas!
Vê bem; medita bem, cidade ingrata!
Fallando em ti desfaço-me em manteigas
Vê lá, depois das lindas expansões,
Se me fazes baquear nas eleições!

XXVII

Garçon! Traz mais champagne! Enche essas taças!
Um gôlo mais do nectar divinal!
Agóra um Monterey; mais trez fumaças!...
E volto á descripção. Passo a Pombal!
Alli, na mais hedionda das desgraças,
Falleceu lentamente o meu rival,
Esse grande Marquez, nobre figura,
Do qual eu sou a fiel caricatura!

XXVIII

No sul da penhascósa Beira-Baixa
Vou tropeçar na abrupta penedia.
A Grande Industrial alli se encaixa
Onde a lã se entretéce e não se fia!
Sólo que ora se eléva ora se abaixa
Onde eu vejo a fatal Penha García
Por cujo Conde, em duello inolvidado,
Co'a ponta do florete eu fui marcado!

XXIX

Albicastro, entre a verde colgadura
Que em densos olivedos se emaranha,
Surge-me branca e lembra a dentadura
Cravada nas gengivas da montanha!
Depois avisto Abrantes n'uma altura
Que sorriu a Junot na atroz campanha
E Ferreira onde habita em seus palácios
Quem fez subir o preço aos farináceos.

XXX

Leiria junto á matta nacional
Bebe o licôr do Liz que a torna poética;
Junto ao Tejo, á mercê do seu caudal,
Temos nós Santarem d'altiva estética!
Um tal Castro fez lá grande arraial
N'uma revolução peripatética
D'alto estylo a atirar p'ra mexicano
Que o fez ir ao poder dentro d'um anno.

XXXI

Eu sonho, eu vôo, eu corro em pensamento
Seguindo a margem fresca até Lisbôa
D'onde, qual filho pródigo, me ausento
E onde o canhão meus feitos apregôa!
A pensar entro n'ella em salvamento
Porém, quando lá vou mesmo em pessôa,
Com pavor que me mettam dentro os tampos
Costumo apear-me á rampa de Entre-Campos!

XXXII

Salvé !, minha Ulyssópolis famosa !,
Roncitroante, explendida cidade !
Onde as manhãs são sempre côr de rosa
E as tardes são panóplias da saudade !
E's a urbe mais bella e mais ruidosa,
Onde flammeja o sol da Liberdade !
E onde, de quando em vez, passa um cyclone
Que eu oiço de Pariz ao radiophone !

XXXIII

D'entre os seus mais faustosos monumentos,
Sobresae, n'um prodígio de elegancia,
Por seus filigranados ornamentos,
O nosso Tribunal da Baixa Instancia !
Por elle hão de passar os julgamentos
D'aquelles que vão tendo a petulancia
De censurar nas folhas os meus actos
E os do meu primo irmão Norton de Mattos !

XXXIV

A praça do Commercio clara e vasta,
Que 'inda conserva os traços pombalinos,
Por onde, á noite, o fétido ped'rasta
Costuma andar á pesca aos gambozinos,
Abriga os comilões da melhor casta,
Os meus filhos dilectos, tão cretinos
Que mantêm o padrão da grande pândega
Exhibindo a carcássa d'uma alfândega.

XXXV

Encommendas postaes que alli jazeram
Com naturaes empenos no despacho
Viram erguer-se as chammas que as lamberam
Qual podengo voraz limpando o tácho!
Dizem dos meus pupíllos que as venderam
E que o fôgo, ultimando o cambalacho,
Deu, como artista, os tóques derradeiros
N'esse primôr que espanta os forasteiros.

XXXVI

Seus gróssos paredões, fortes muralhas,
São tisnados p'la acção do vento agreste;
Lindo chamúsco enfeita-lhe as cimalhas
E tem por tecto a abóbada celeste!
E' de caliça, musgo e maravalhas
O tapete impisavel que a reveste;
E são tão bem vedadas as janellas
Que o D. José vê o cisco atravez d'ellas!

XXXVII

Sob a Arcada é que eu tenho a vasta mina
Que installei com valentas partidarios
Aos quaes o filho monstro de Agrippina
Não ganha nos instinctos sanguinários!
Além d'esses mantenho a nata fina,
Guarda-costas, zelósos funccionários,
Que passam, conversando, a tarde inteira
Sentados no café d'A Formigueira.

XXXVIII

Logo a nordeste e junto á velha Alfama
Ergue-se o Pantheon da Dona Engrácia!
Obra em que se alcançou perpétua fama
Mostrando a inexcedivel pertinácia!
Acórde a mão da pátria que embalsama
Os córpos dos heroes de enorme audácia
P'ra que esse velho templo as portas me ábra
Se a morte me prostrar negra e macábra!

XXXIX

Fallar-vos dos museus e logradouros
E' armar em Baedeker fatigante.
Deixemos a cidade e os seus thesouros
Trocando-a pelo campo circunstante!
Vejo o Estoril, o Eden dos vindouros!,
Ancioso porque o Fausto assarapante
A humanidade inteira co'a efficácia
Das obras d'aquella outra Santa Engrácia!

XL

E Cintra, a *estancia amada* de Garrett?
Se a vísseis! Que frescôr! Como é bonita
Seu castello encantado a luz reflecte
Deslumbrando em redór terra infinita!
'Inda um dia has de ir ve-la, ó Gigolette,
Verde-umbrosa mansão que o Amôr habita!
Indolente Morpheu cálca-lhe as relvas...
Beijos e rouxinaes cantam nas selvas!...

XLI

Sobre escarpas fragósas, a Ericeira,
Traçou na Historia um nome altissonante,
Pois que, ao raiar na Lísbia a pagodeira,
Mandou p'ra o exílio o tímido reinante,
Recebe-o lacrimosa, hospitaleira;
E então compõe-se o quadro emocionante
Em que vemos um rei e duas rainhas
Sentados sobre escamas de sardinhas.

XLII

Depois Mafra, menor que o seu mosteiro.
Cujos sinos espalham na amplidão
Tão formidaveis sons que o forasteiro
Pasma quando alli toca o carrilhão!
Bronzes de emprêgo baixo e chocalheiro
Que eu 'inda hei-de mandar p'ra a fundição
Pois, feitos em patácos, são mais practicos
P'ra os santos sacrifícios democráticos!

XLIII

Mais longe Torres Vedras, sempre fresca,
Que de todos alcança as sympathias;
Nobre villa, ridente e pittoresca,
Onde os Maneis se enlaçam co'as Marias.
Outr'ora foi cathólica e fradesca
Mas democratizou-se em bréves dias
A ponto dos atheus causarem nojo
Assaltando e roubando em Varatojo!

XLIV

P'ra alem do largo estuário está Palmella
Com seu soberbo alcácer sobre o monte
D'onde a vista acompanha a caravela
Longe, no mar, no amplissimo horisonte!
Palmella, terra nobre, altiva e bella,
Faról da capital que tens defronte,
Sabe que hei de habitar-te 'inda algum dia
Se volta a ser um facto a monarchia!

XLV

Na linha do horisonte Evora assoma
Em torres ponteagudas e um zimbório,
Miniatura gracíl da antiga Roma,
Baluarte real do bellico Sertório!
Geraldo-sem-pavôr ávido a toma,
Tornam-na vários reis poderoso empório
E agóra, ó céus!, esquecem-se as batalhas
E vendem-se em leilões as suas murálhas!

XLVI

Ségue-se a linha férrea imaginária
Que nos léva á vetusta Monsaraz;
Votados dois mil contos p'ra tal ária
Vão no balão da politica voraz!;
Extremoz, de belleza extraordinária
Cujo eterno frescôr tanto me apraz
Fulgura pérto; e apóz, cruzando um bréjo,
Já passo á capital do Alto Alemtejo.

XLVII

Portalegre é, de facto, a alegre porta,
Sempre aberta ás candongas que ha na raia,
Onde a guarda fiscal pouco se importa
Que algum contrabandista ou entre ou saia;
Vendo os *duros* luzir, seu gado exporta,
Tal qual como Elvas, pérfida atalaya
Onde, prêso, eu justei tão negra conta
Que mal poderei contar tamanha affronta!

XLVIII

Nos tempos infernaes da Dezembrada
O tal senhor Sidonio foi tão torto
Que me mandou prender n'uma cilada
Quando eu estava a jantar no Hotel do Porto.
(Se fosse a minha gente amotinada
Era uma vez um Affonso, era homem morto;
Que, em casos taes, os fieis meus partidários
Usam sempre uns processos mais sumários).

XLIX

Vá lá que os sidonistas não bateram
Nem roubaram recursos que eu trazia
Mas p'ra um forte sem luz me remetteram,
Que adorna a mal-cheirósa Trafaria!
Foi d'alli que em bôa paz me removeram
A' prisão d'Elvas sórdida e sombria,
Onde eu tanto amarguei que em minha ideia
Soffri mais que o Rabbí da Galiléa.

L

Tive por carcereiro um tal tenente
Que me fez a existencia paralytica
A quem eu perguntei curiosamento:
— «Porque abraçou tão novo a velha politica?»
Que resposta me deu, que ouví tremente!
Pois recordou-me Coimbra e a phase crítica
Quando eu lhe encarcerei a mãe velhinha
Vingança que exercí, torpe e mesquinha!

LI

Deitei a culpa ao Norton, sem sentidos,
Ai!, que covarde eu fuí! Vendo uns parceiros
Quiz o bridge; e escaldaram-me os ouvidos;
— «Jogamos, sim, mas não com prisioneiros!» —
Os sentinelas brutos e atrevidos
Tratavam-nos alli como uns carneiros
E até, d'uma occasião, se não m'agacho,
Entrava-me uma bala aqui por baixo,

LII

Ora eu, que já padeço da garganta,
Não fiquei, por um triz, sem gorgomilo?
Mas quem conteria o povo que se espanta
Ouvindo os brilhantismos d'este estylo?
Felizmente o Sidonio ódios quebranta,
Prisões franqueia e deixa-me tranquillo;
E eu, em paga do horrôr do captiveiro,
Cantei dez mil calumnias no Estrangeiro!

LIII

Vou d'Elvas p'ra a recòndita Olivença
Que, embóra nas neblinas da tristeza,
Por mal soffridas leis nos não pertença,
Foi, é, e será sempre portugueza!
Tratados de poltrões!, tremenda offensa!
A pátria ha-de rasga-los sem tibieza,
Seguindo o vosso exemplo, n'uma audácia
Que reintégre p'ra sempre aquella Alsacia!

LIV

E agóra alta menágem d'um castello
Desenha o seu perfil no azul do empyrio.
Deixou-a o Lidador como um flagello
Causaudo a Almoleimar o atróz martyrio!
E' Beja, em cujas portas houve um bello
Par de torreões vendidos n'um delírio
Por seiscentos mil reis, — ó gente insana!, —
P'lo preço d'uma capa alemtejana!

LV

Mas são fructas do tempo. Indo p'ra baixò
Chegamos á charneca d'Aljustrel
Onde requiesca o sórdido Camacho
Já liberto da lucta e do aranzel!
No fundo d'um bahú guarda o penacho
E as glórias que cantou sobre o papel,
Chóra no monte a sós, fugindo aos criticos,
Por ver que foi castrado p'los políticos.

LVI

Assim como o viajante que, em mudança,
Vem d'Argel e d'Oran, zona berbére,
Que dorme sobre o mar e acorda em França
Encantado co'as pompas da Rivière,
Que, n'um extasis, pára, hesita, avança,
Sorvendo o fino odor das flôres de Hyères,
Só conhecendo então, n'um parallelo,
Quanto aquillo era atrôz, quanto isto é bello;

LVII

Assim, tal qual, succede ao que atravessa
Do Alemtejo p'ra as várzeas algarvias.
Dorme ao passar da serra e acorda n'essa
Campina ideal de encantos e harmonias!
Não ha mal que nos lembre ou bem que esqueça!
Sentimo-nos vibrar co'as alegrias
Do vergel das rosáceas amendoeiras
Sobre o qual manda o mar brisas fagueiras!

LVIII

Eis-me em Faro que prima p'la limpeza,
Cidade do prazer, mansão dos vícios;
De facto a Monte-Carlo portugueza
Tem nos prazeres amplos precipícios!
Fascina-se o turista, com surpreza,
No club, onde ella expande os seus bulícios
E nas ruas, então, torna-o basbáque
Vendo o Fialho a correr no Cadilak.

LIX

Não pósso ir mais além! Pátria saudosa!
Nutrida p'lo fulgôr do teu passado!
Ante cuja bandeira victoriosa
Viu Albuquerque o mundo embasbacado!
E agóra, ó Portugal!, tens um Barbosa
Por quem miseravelmente ós comandado!
Meu remórso fatal géra o vexâme!
Não posso fallar máis! Sinto-me infâme!!» —

LX

Germano érgue-se então. Roga, confuso;
— «O' vós que nos ouvistes n'esta sala!
Das mentiras crueis não fazei uso
Senão o nosso enviado ainda se entala.
Perdoae ao meu alcaide o grande abuso
E a franqueza rural com que vos falla
Pois somente a maior das bebedeiras
O fez ext'riorizar tantas asneiras!» —

LXI

Despedida geral. Que ósga sublime!
Chamam-lhe, a rir, o clown da patuscada!
A *pendule* de bronze do Maxime
Tange, sonóra, as seis da madrugada.
Affonso, a quem Thyoneu bastante opprime,
Co'a sua caixa toráxica esfalfada,
Sahiu; e foi ouvir bater as sete
Nos braços da ardilósa Gigolette.

CANTO 6.º

CANTO SEXTO

I

REINA o silencio... O Affonso é reclamado.
Cahem governos; chamam-no; sorrí;
Qualquer novo convite é regeitado,
Disse adeus; foi de vez, não volta aqui!
Lembrei-me da Mariana Alcoforado
Chamando em vão p'lo torpe Chamilly
Que em sonhos ella julga um paladino
Mas quando acórda, ó céus!, sahe-lhe um cretino!

II

Palrador, fez promessas de grandeza
Ao povo que deixou faminto e nú
E que ao ver as migalhas sobre a meza
Lembra o passado e mostra-lhe o menú.
Temendo uma vingança, uma surpreza,
Esse nababo, insigne gabirú,
Tendo o sorriso amargo dos palhaços,
Imita o Napoleão... cruzando os braços!

III

Reitera-lhe o pedido o Directório,
Mostrando-lhe o poder por um destino;
Rezou-se uma novena a São Ligório;
Fez novo appêllo o Banco Ultramarino!
Clamava o povo, ásp'ro ou suasório:
— «Volta Affonso!» — e o Fão compoz-lhe um hymno;
Eram cartas, tel'grammas, mil por dia!
A nada d'isto o bruto se movia...

IV

Corre o tempo. Passando a um novo signo
O sól avança e mostra-se no Touro
E, aprumándo-se mais, refulge benigno
Redobrando o calôr co'as fléchas de ouro,
E' então que Portugal n'um gesto digno,
Quer p'ra sempre guardar como um thesouro
Os filhos que perdeu, symbolisados
Nos despojos mortaes de dois soldados.

V

Treme-se de emoção na pátria inteira !
Caridosa a Fortuna espalha esmólas
E o coração do povo é uma roseira
Com orvalhos de pranto em suas coróllas !...
A História, como atlética guerreira,
Bráda no lar e vibra nas escólas !
Tão cégo está qualquer co'a antiga gloria
Que, apezar d'um revez, canta a victória !

VI

Vem a Lisbôa os altos dignatários,
Os genios da estratégia das batalhas
Que, ao vencer com prudencia os adversários,
Viram com garbo as fúlgidas medalhas !
Ante esse acto dos mais extraordinários
O nosso embaixador não vê muralhas
Que o defendam ! E volta ao pátrio sólo
Vencido p'las pressões do protocóllo.

VII

Se bem que no semblante mostre a calma
Tem o íntimo pútrido ensombrado !
Portugal é a imágem da sua alma :
Mostra-se em festa e sente-se enlutado !
Funereamente ostenta a verde palma ;
Tem o crépe no braço e a flôr ao lado ;
Sorrí ao vêr o Affonso em grande póse
E chóra ante os heroes n'uma apotheose !

VIII

Um cortejo espaventa a capital
Mas outro de mais brilhos se annuncía
A' formósa relíquia nacional
Que escapa aos vandalismos d'hoje em dia !
Estreméce ruidosa a gare central
Onde ha elementos d'alta jerarchia
E onde o nosso doutor passa com susto
Por entre a multidão contida a custo !

IX

Ha musica ! Ha estridôr ! Armas luzentes !
Revivem-se os bulícios das batalhas !
Soltam máchinas silvos estridentes
Que arrancam das cyclópicas fornàlhas !
E que é do Affonso ? Fraco entre os valentes,
Apalpa o seu gilet de férreas malhas.
Por não poder andar dentro d'um cófre,
Ridic'lo de pavôr, não larga o Joffre !

X

'Inda é noite e comtudo a turba é densa ;
Chegam cárros ! Mais tropas ; gente a rôdo !
Sendo uns em espírito, outros em presença,
Contem essa estação Portugal tôdo !
Aprestam-se a partir sem mais detença ;
São comboios sem fim ; rápido exôdo !
Vão p'lo campo em cordões carruágens cheias
Folgam as villas, pasmam as aldeias !...

XI

Leiria, que os recebe alegremente,
Na véspera passou ancias e torturas
P'ra agóra, garridíssima e contente,
Exibir palmas, flôres e colgaduras!
Enchem cidade e campo ondas de gente!
Lindo, explendido sol enche as alturas!
Enche a glória da pátria o tempo escásso!
P'ra qualquer coisa mais não sobra espaço.

XII

A móle humana agita-se nervósa!
A estrada da Batalha é o seu tentáculo!
Volitam no ar mil pétalas de rósa
Annunciando o olympico espectáculo!
Vem cavalgando á frente Alvar's Pedrósa
Que olhando a multidão, rompe o obstáculo.
Férem sons os clarins: fulguram fardas;
Passam, trotando, as tropas das vanguardas.

XIII

Agóra é a luz do sól que resplandéce
Nas armas de estropeada infantaria;
Mas nota mais sympáthica apparece
E a dôr. mais uma vez, vence a alegria!
São dezoito velhinhas... Longa préce
Murmuram n'uma mórbida agonia...
Por instincto o astro-rei suspende os brilhos
E as mães, vendo-as passar, beijam seus filhos...

XIV

Mais respeito... E' o mystério commovente...
Ajoelham em silencio as multidões....
Cóbrem-nos as bandeiras pobremente...
Avançam devagar sobre os armões...
Logo apóz mostra as cãs o presidente;
Passam os diplomátas e as missões
Vendo o povo a agitar mãos carinhósas
Que p'ra os envaidecer colheram rósas.

XV

Tal como a procissão da póbre aldeia
Que leva o pállio e a santa respeitada
Mas que, passado o andôr, se torna feia
Co'a tropilha infernal da garotada,
Assim esse cortejo d'sencadeia
A saguir aos heroes e á gente grada
Toda a tropa fandanga, horda vadia
Que, em bródios, sobre a pátria tripudía!

XVI

Vem primeiro, em magóte, os deputados
Com cartólas que o pó torna estrambóticas
Mostrando ao povo os rostos estanhados
Com vanglória e com póses apotheóticas!
Caminham lentamenle os enfatuados
Das Juntas Districtaes Antipatrióticas
Que provam, mesmo allí não valer nada
Ao trop'çar nos barrancos que ha na estrada.

XVII

Com verde a desbotar surgem bandeiras;
Vão seguindo os mastins dos ministérios;
As madrinhas de guerra, as enfermeiras,
N'uma nota gracil, com pórtes sérios;
As damas da cruzada, rapioqueiras,
Que aparentam na marcha uns ares funéreos
E os pupillos da tropa, órphãos de pae,
Que vão cantando: ó escolas semeae...

XVIII

Nebulóses de pó: calôr ardente;
Desfilam as variadas commissões:
Lá vêm as dactylógraphas á frente
E atraz os amanuenses brincalhões!
Segurança do Tacho, o Grande Oriente,
O Conselho Sup'riôr das Promoções...
A pátria, uma vez mais, se viu pisada
No eterno sol-e-dó d'esta cègáda!...

XIX

Ao chegar á Batalha é tanta a poeira
Que os nossos officiaes e os visitantes
Com cisco desde os pés á cervilheira
São, côr de marm're, estátuas ambulantes!
A villa, que os recebe hospitaleira,
Mostra-lhes, bella, as fléchas deslumbrantes
Do mais rendado e cél'bre dos mosteiros
Cujo explendôr assombra os extrangeiros!

XX

Eu te sublímo ó Templo Rutilante,
Padrão vital dos feitos d'outras éras!
Ao erguer-se no azul o sól radiante
Não sei se é glória ou é luz que reverbéras!
No annel da nossa História és o brilhante
Que mais fulgôr expande ás atmosphéras,
Lembrando Aljubarrota, essa tragédia
Que pôz têrmo ao turpôr da Edade Média!

XXI

Os échos das abóbadas sombrias,
Os claustros, as agulhas f'rindo os áres,
A imponencia da náve, as láges frias,
A eloquente mudez dos teus pilares,
As grinaldas, festões e laçarias,
O íris dos vitraes sobre os altáres,
Estão cantando immortaes vitalidades
A' pátria, mãe do Genio e das Saudades!

XXII

Mas, — oh triste irrisão!, — junto á Batalha,
Heráclia das pretéritas grandezas,
Acaba de parar toda a escumálha
Que simúla civismo e faz torpêzas!
Um vento impertinente os emporcalha
Co'a poeira que encontrou nas redondezas,
Causando o curto eclipse d'um passado,
Embóra immerso em lixo, inolvidado!

XXIII

O' página de dôr na nossa História,
Ao mesmo tempo explendida e nogenta!
Uniram-se os trophéus da nossa glória
Ao lôdo que a Republica escrementa!!
Como é sólido o Templo da Victória
Que, mesmo assim vexádo, 'inda se aguenta!
Não quiz aluir matando os prevertidos
P'lo respeito aos heroes desconhecidos!

XXIV

Abre-lhes o seu pórtico. A frescura
Que, contínua, mantem na immensa nàve,
Paréce uma carícia, uma ternura
Que o bom templo lhes faz grandioso e suáve...
Ségue-se a turba; o cóncavo murmura;
Penétra a procissão serena e gráve...
Não ha peito que então se não serene
Ouvindo, em plena paz, festa solemne!

XXV

Na sala do capit'lo abobadada,
Que o nome d'outro Affonso immortalisa,
Têm os féretros a ultima morada
E a dôr encontra a calma que a suavisa...
Mas, — oh barbaridade!, — oh!, que patada!!;
O doutor vae fallar! Quem no autoriza???
Ei-lo que sóbe já p'ra duas cadeiras
E assim nos abre a válv'la das asneiras:

XXVI

— «Santos prelados. Digno presidente.
Nobres missões. Senhoras. Meus senhores!
Vim á pátria forçado e descontente,
Asteroide sem luz entre explendôres!
Vou rompendo o silencio finalmente,
Vazando o fel que encerra os meus rancores!
Meus ódios nem respeitam um ataúde,
Pois, p'ra mim, o esquecer nunca é virtude!

XXVII

Honrêmos dois heroes que representam
Na pátria tanto os mortos como os vivos:
Aquelles por que em glórias se acalentam,
Estes por que aqui estão vivendo altivos!
Em Portugal ha loucos que 'inda tentam
P'ra a nossa intervenção não ver motivos!
Dir-lhes-hei que o dever era ir p'ra a guerra,
Em vida ou morte, escravos da Inglaterra!

XXVIII

Um simples episódio occasional
Retardou nos o passo n'um desmaio...
Mas salva-se o prestígio nacional
Co'a revolta efficaz que estoira em Maio!
Abre-se o Parlamento! E eu, triumphal,
Entrando com razões, com glórias saio,
Trazendo sobre mim nações inteiras
E fazendo resoar marchas guerreiras!

XXIX

Deu-nos a Grã-Bietanha os seus milhões
Que pagaremos gratos e cortezes
Com marcos das crueis reparações
Que hão de vir de Berlim dentro d'uns mezes!
Que o governo promôva exportações
De mais pomada e graxa p'ra os inglezes
E que decréte os ódios nacionaes
Ao Pimenta de Castro e aos seus eguaes!

XXX

O' povo! P'la tua dôr sou responsável!
Mas se em vez de encetar tua acção bravía
Te entregásses á inércia abominável
Apenas um cadáver hoje hav'ria!
E a nossa pátria morta e miserável,
A'lgida tumba immersa em tenebría,
Já sob extranhas leis, já sem colonias,
Causando a mais mortífera das insomnias!

XXXI

Mas não! Reviva a terra idolatrada
Guardando os seus herois n'este convento!
Ao chefe da briosa União Sagrada
N'um abraço e um beijo eu sello o juramento!
A nação, n'outro tempo apimentada,
Seu livre pavilhão desfralda ao vento!
Negam-nos o valôr? Ninguem se atreve!
Irmão! Se a pátria é livre é a nós que o deve!» —

XXXII

Basta! Ao rumorejar dos comentarios
As paredes do templo estremeceram!
Ah, por fortuna, os dignos emissários
Só a palavra patria compreenderam!
Não podendo arrancar dos kalendários
A data em que os heroes resplandeceram,
Rasgando esse discurso, eu desenlódo-a
Libertando-a de vez d'aquella nódoa!!

XXXIII

Ao tombar do crepusculo vespertino
Termina a grande festa em debandadas...
Se acáso existe o Livro do Destino
Deve conte-la em páginas tarjádas!...
Charangas a tocar, badala o sino;
A noticia final corre as estradas;
Ha echos a resoar de monte em monte...
O sól e a tréva espreitam no horizonte...

XXXIV

Junto á porta da egreja, sem demora,
Tomam-se as conducções p'ra a curta viagem.
Sua Illustrissima o Bispo assoma agóra
Que vem sorrindo e chega-se á carruagem...
E o descarado Affonso, hereje outr'ora,
Ampara-o pelo braço e, armando em págem,
Ajuda-o a subir... Diz-lhe uns segredos...
E, n'uma queda ideal, beija-lhe os dêdos...

XXXV

Que suicídio moral ! Mas que bajoujo !
Que fífia no rumôr da desfilada !
Que escremento de môsca a causar nôjo
Nos doirados florões d'uma almofada !
Regressam ! Fica em paz mortal despôjo
Dos filhos d'uma pátria atormentada !
Vem na volta o cadáver d'um patife
Ao qual um landaulet serviu de esquife !

XXXVI

Assim como esse idiota Mar'chal Hermes
Que surgiu no Brazil como um prodígio
Mas que é menos talvez que os próprios vermes
Quando, alçado ao poder, chega ao fastígio ;
Que ama a deshonra e, então, lança-lhe os germes
Perdendo pouco a pouco alto prestígio
Até que, alfim, ridic'lo a toda a gente,
Bota conquista e cahe redondamente ;

XXXVII

Assim tamhem o Affonso, Hermes perfeito,
Mostra-se fanfarrão, bravo estadista,
Porém sobraça as pastas com tal geito
Que quanto mais as tem mal se malquista ;
Perdendo gradualmente o bom conceito,
Cantando o bacalháu desce á revista ;
Mas ao asnear no templo, — oh desacêrto !, —
Depois d'um tombo assim não tem concêrto !

XXXVIII

O povo que o julgava o seu baluarte
Vê n'elle agóra um réles João Ninguem
Que viaja p'ra que, astuto, se descarte
Das promessas que fez mas não mantem!
Já tantas vezes chega e tantas parte
Que lembra á gente os cabos de vae-vem,
E até, por fim, p'ra as libras pôr por terra,
Fingindo vir reinar, parou na Serra,

XXXIX

Estavas, qual Ignez, posto em socêgo
Lá no frescôr da Luza Guadarrama,
Fruindo esse dulcíssimo conchêgo
Onde o póllen d'amôr teu côrpo inflamma,
Quando foi convidar-te ao alto emprêgo
Mais aquelle infructifero telegramma
Que tu tão fortemente regeitaste
Que a mão e o ante-braço balouçaste!

XL

E no vertiginoso sud-expresso
Que das tágicas margens foi partido,
Levando á frente o symb'lo do progresso
Que, por alta pressão, corre impellido,
Retomas pululante o teu regrésso
Votando uma vez mais ao negro olvido
Aquelles que as patranhas te escutáram,
Que em comícios da gôrja te escapáram!

XLI

Sim! Fazes bem! Talvez, em toda a vida,
Seja o unico gesto em que acertáste!
Que, ao menos, esta pátria combalida,
Da tua presença vil já libertáste!
Vae sugando á Republica fallída
Os ultimos papéis, pérfido tráste!,
Lê a fáb'la da rã que quiz ser toiro!
Enche o pandulho d'ar! Verás o estoiro!

XLII

Faz zig-zags no Tempo! Acorda e pensa
No que foste, no que és, no que has de ser!
Tem presente que o povo guarda a offensa
De qualquer mandarim que o faz soffrer!
A História ha de jorrar-te a luz intensa!
Miguel de Vasconcellos faz-te crêr!
Quadro fatal! Traidor gera a repulsa,
Mas, louca, a multidão pisa-o convulsa!

XLIII

Não voltes mais, doutor! Já te lastimo!
Tenho por sangue uma ácre repugnância!
Não quero vêr entranhas onde ha limo
Nem cheirar pús que occultas desde a infancia!
Serás lá longe o etérno pantomímo!
Mas p'ra o nosso rancôr não ha distancia!
Quer aqui, quer alli, quer n'outra parte,
A maldição da pátria ha de arrazar-te!!!

Indice dos episódios

Erratas

PAGINA	CANTO	ESTRÓPHE	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
8	1.º	IV	prosc nio	proscénio
19	1.º	XXXV	da Lisboa amada	da Lísbia amada
28	2.º	IV	synthetisundo	synthetisando
53	3.º	XXIII	os penates	os seus penates
58	3.º	XL	minerres	mineraes
76	4.º	XXVII	Vendo em retratos seus	Vendo, em retratos seus,
93	5.º	XXIII	Que bu sca o ponto ideal 'ra o seu noivado.	Que busca o ponto ideal p'ra o seu noivado.
110	6.º	ıII	por um destino	por seu destino
112	6.º	X	pasmam	pasmam-se


UNIVERSITY OF N.C. AT CHAPEL HILL
00002864779